

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Marcela Valladares de Toledo

REFLEXOS DO AI-5 NAS CRÔNICAS DO CANTO DE PÁGINA

**Juiz de Fora
Agosto de 2016**

Marcela Valladares de Toledo

REFLEXOS DO AI-5 NAS CRÔNICAS DO CANTO DE PÁGINA

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora
Agosto de 2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Toledo, Marcela Valladares de.

Reflexos do AI-5 nas crônicas do Canto de Página / Marcela Valladares de Toledo. -- 2016.

97 p.

Orientador: Cláudia de Albuquerque Thomé

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016.

1. Jornalismo. 2. Crônica. 3. Ditadura. 4. Literatura. 5. Narrativa. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque, orient. II. Título.

Marcela Valladares de Toledo

Reflexos do AI-5 nas crônicas do Canto de Página

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF)

Aprovada pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF) - orientadora

Prof^a. Dr^a. Christina Ferraz Musse (FACOM/UFJF) - convidada

Prof. Dr. Marco Aurélio Reis (Faculdade de Jornalismo/UNESA) – convidado

Conceito obtido: (x) aprovado(a) () reprovado(a).

Observação da banca: _____

_____.

Juiz de Fora, 02 de agosto de 2016.

À minha mãe, Jacqueline, por não me deixar desistir perante as dificuldades. Ao meu pai, Marcio, por estar sempre disponível para mim, em toda e qualquer situação. E à Bruna, por estar sempre comigo e ser a melhor irmã que eu poderia ter.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu guia nessa caminhada da vida. Me ajudando a superar cada obstáculo e proporcionando saúde para que eu possa continuar batalhando a cada dia.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e apoio em todas as minhas decisões. À minha irmã, por todas as confidências. Agradeço também à toda minha família, por compreender minhas ausências durante esse período decisivo de conclusão do curso.

Aos amigos que a vida me presenteou: tanto os de longa data, quanto os que ganhei na Facom. O apoio de cada um de vocês foi essencial.

Agradeço à Facom, Produtora, Acesso e Embrapa, por todos os ensinamentos e crescimentos profissional e pessoal.

À minha orientadora Cláudia Thomé e ao Marco Aurélio, por me transmitirem a paixão pela pesquisa e pelo intenso apoio durante o TCC. Trabalhar com vocês é revigorante e enriquecedor.

Nossas vidas são as nossas narrativas. Melhor dizendo, nossas narrativas tecem nossas vidas. Organizamos as nossas biografias destacando alguns acontecimentos que cremos estarem mais carregados de significações, e que pontuam a nossa história pessoal. Pontos de virada que nos vinculam ao passado, dão continuidade ao presente e nos remetem ao futuro, criando as representações de nós mesmos e nossas identidades individuais. Narrar é uma forma de dar sentido à vida.

(MOTTA, 2013, p.18)

RESUMO

Ressignificando o contexto histórico do golpe militar, o presente trabalho de conclusão de curso apresenta a análise das crônicas de Cosette de Alencar publicadas na coluna “Canto de Página”, no jornal “Diário Mercantil”, em Juiz de Fora, em três momentos decisivos dos primeiros anos do golpe: a tomada de poder pelos militares em 1964, a virada de posição da cronista em relação ao golpe em 1967 e a instituição do AI-5 em 1968. O objetivo da pesquisa é detectar de que forma o gênero crônica, potencial formador de opinião, atuou nas páginas do “Diário Mercantil” neste momento turbulento da história e identificar, em especial, o efeito do AI-5 na coluna “Canto de Página”. Trata-se da rememoração do golpe, meio século depois, refletindo a atuação da imprensa sob a censura crescente do período, ao mesmo tempo em que fazemos um exercício de releitura dessas narrativas.

Palavras-chave: Jornalismo. Crônica. Ditadura. Literatura. Narrativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CRÔNICA COMO GÊNERO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO	13
2.1 A CRONISTA COSETTE DE ALENCAR	14
2.2 JORNAL DIÁRIO MERCANTIL.....	17
3 CHATÔ E O REGIME MILITAR.....	21
3.1 A OPINIÃO NA COLUNA CANTO DE PÁGINA	23
3.2 O REFLEXO DA LINHA EDITORIAL NO CRONISMO DE COSETTE.....	23
4 EFEITO AI-5 NO CANTO DE PÁGINA	29
4.1 PROPOSTA DE ANÁLISE	31
4.2 PORTA-VOZ DO GOLPE – 1964.....	40
4.3 CRÔNICAS DO DESCONTENTAMENTO – 1967	46
4.4 RESENHAS LITERÁRIAS PÓS AI-5 – 1968	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	63
APÊNDICE A – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE ABRIL DE 64.....	63
APÊNDICE B – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE ABRIL DE 67.....	64
APÊNDICE C – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE DEZEMBRO DE 68.....	65
APÊNDICE D – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE ABRIL DE 64	66
APÊNDICE E – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE ABRIL DE 67	73
APÊNDICE F – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE DEZEMBRO DE 68.....	80

ANEXOS	83
ANEXO A – CRÔNICA “PAZ”	83
ANEXO B – ARTIGO ADMINISTRADOR DE CEMITÉRIOS	84
ANEXO C – MATÉRIA PUBLICADA NO DM EM 03 DE SETEMBRO DE 1968	85
ANEXO D – MATÉRIA PUBLICADA NO DM EM 14 DE ABRIL DE 1964	86
ANEXO E – CD COM AS CRÔNICAS ANALISADAS NA PESQUISA	87

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso teve origem na pesquisa de iniciação científica vinculada à UFJF, cuja proposta era fazer um estudo das crônicas da escritora Cosette de Alencar (1918-1973), publicadas no jornal “Diário Mercantil”, em Juiz de Fora, mapeando as temáticas e detectando traços memorialísticos sobre a cidade. Tendo como foco a análise das crônicas da autora como narrativas midiáticas e de produção de sentido sobre o cotidiano da sociedade ao longo das décadas, este trabalho se ancorou também na conceituação de Motta (2013) considerando a crônica uma narrativa jornalística como ato de fala em um contexto que não deve ser ignorado.

A proposta deste trabalho é analisar a coluna “Canto de Página”, de Cosette de Alencar, no “Diário Mercantil”, principal jornal da cidade de Juiz de Fora, em três momentos marcantes da história da ditadura militar: a deflagração do golpe em 1964, a virada de posição da cronista em relação ao golpe em 1967 e a instituição do AI-5 em 1968. A análise pretende observar como a coluna se posicionou frente ao que estava acontecendo no país e detectar se houve um silenciamento em dezembro de 68, com o AI-5.

Considerado um gênero que transita entre o jornalismo e a literatura, a crônica publicada nos jornais exibe registros do cotidiano, resgatando detalhes que muitas vezes perderam espaço no noticiário, mas que dialogam com cada período histórico. Levando em conta o período da ditadura militar identificamos a força da crônica como formadora de opinião e o vínculo que esse gênero apresenta com a linha editorial dos jornais.

Para o entendimento da crônica nesta pesquisa buscou-se teorias de críticos do jornalismo e também da literatura. A crônica é considerada como jornalismo opinativo, por Beltrão (1980), e na tipologia de Antônio Cândido (1992) ela pode se comportar como um fato noticiado pela imprensa. Um gênero formador de opinião, podendo indicar o olhar do cronista, sem a exigência de simular uma objetividade, mas que, por sua vez, não pode violar a linha editorial dos veículos de comunicação e seus posicionamentos.

No primeiro capítulo desta pesquisa vamos tratar a crônica como gênero jornalístico e literário, passando por teóricos de ambos os campos. Além disso, foi necessário traçar um perfil da cronista Cosette de Alencar e do jornal “Diário Mercantil”, principais atuantes desta pesquisa.

No segundo capítulo buscou-se aprofundar a relação de Assis Chateaubriand, fundador dos “Diários Associados” ao qual o “Diário Mercantil” se integrou, com o regime

militar e, conseqüentemente, a postura da cronista Cosette em sua coluna “Canto de Página”, que não se manteve estável durante todo o período da ditadura militar.

O terceiro e último capítulo se inicia trazendo a proposta de análise desta pesquisa. A metodologia escolhida foi a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011) que será aplicada separadamente nos três meses que compõem o objeto de estudo: abril de 1964, abril de 1967 e dezembro de 1968. O presente trabalho demandou, além do estudo teórico, uma pesquisa de campo em acervos públicos para a obtenção do material a ser submetido às análises. Todas as crônicas do período analisado foram digitalizadas, em fotos feitas com dispositivo móvel, para esta pesquisa e estão em um cd que faz parte deste trabalho (ANEXO E), uma forma também de trazer a público e facilitar o acesso a narrativas de um tempo passado, em uma contribuição com pesquisas futuras.

O objetivo da pesquisa é detectar de que forma o gênero crônica, potencial formador de opinião, atuou nas páginas do “Diário Mercantil” neste momento turbulento da história do país, durante os três anos marcantes do regime militar escolhidos para análise. Esta análise é importante, sobretudo na rememoração do golpe, meio século depois, para que a atuação da imprensa possa ser refletida não apenas como a favor ou contra os militares, mas levando em conta o contexto político incerto e inseguro para aqueles que vivenciavam aquele momento. Nesta perspectiva, olhar para as crônicas é fazer um exercício de releitura dessas narrativas e ressignificação daquele momento histórico, buscando se colocar no contexto da época, mas com o olhar dos dias de hoje. É um desafio, ao mesmo tempo em que é gratificante reconhecer o poder que esse gênero tem como formador de opinião e também como contribuinte para os estudos sobre o jornalismo, memória e literatura.

2 A CRÔNICA COMO GÊNERO JORNALÍSTICO E LITERÁRIO

A crônica é um gênero difícil de ser definido, por ser considerado tanto jornalístico quanto literário. Ele está localizado na fronteira entre esses dois campos, podendo atuar em ambos os lados e, com isso, vai se adequando de acordo com o meio. Podemos considerá-la como um gênero híbrido: ora jornalismo, ora literatura, ora as duas coisas.

Apresentando a origem e definição da crônica, Jorge de Sá (2005) defende que o surgimento da primeira crônica no Brasil foi através da carta de Pero Vaz de Caminha, que relatava o que estava encontrando pelo caminho, como exemplo os índios e os costumes singulares que eles apresentavam, além de registrar a notável diferença entre as culturas.

Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da *crônica*: registrar o circunstancial. (SÁ, 2005, p.6).

Sá também aborda definições desse gênero, em que segundo ele “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem.” (SÁ, 2005, p.9)

Ao tratar da crônica como gênero literário, o crítico Antônio Candido (1992) afirma que “a crônica é um gênero menor” (CANDIDO, 1992, p.13). E, justamente por ser “menor”, ela se aproxima do leitor, defende o teórico. Candido também compara a crônica e o folhetim, além de oferecer embasamento para essa pesquisa na análise da crônica como um gênero literário.

Ao definir o gênero, Candido (1992) apresenta uma variedade dos tipos de crônica existentes, sendo eles caracterizados por: diálogos entre personagens, fatos vividos pelo autor, fatos noticiados pela imprensa ou narrativa mais ficcional. Será importante entender as possibilidades do gênero para, posteriormente, caracterizar a crônica de Cosette de Alencar na coluna “Canto de Página”, objeto desta pesquisa.

Ao indicar o tipo *diálogos entre personagens* em uma crônica, “evidencia de forma bem marcada o tom de conversa, a carga de oralidade do texto que está sendo interpretado” (THOMÉ, 2012, p.105). Como o próprio nome diz, *fatos vividos pelo autor* refletem a relação do cotidiano do autor na própria crônica, de alguma forma. O *fato noticiado pela imprensa* em uma crônica permite “fazer referência a algo noticiado, resgatar algum assunto que não teve espaço nos jornais, contar uma história, apresentar um olhar sobre algum

aspecto da vida” (THOMÉ, 2012, p.110). Por fim, a *narrativa mais ficcional* é aquela criada pelo cronista, como quem conta uma história, que pode ser inventada, mesmo que ambientada em um contexto familiar ao leitor, “com aqueles rastros de cotidiano, próprios da crônica” (THOMÉ, 2012, p.113).

Outra contribuição para a definição do gênero é a do teórico Luiz Beltrão (1980), que trata a crônica como gênero jornalístico opinativo, além de apresentar as classificações e estruturas da crônica. Beltrão acredita que a crônica “é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos e coletivos.” (BELTRÃO, 1980, p.66).

A crônica pode retratar algum fato ocorrido, expondo mais subjetividade, mas também pode partir para o ficcional, ao criar personagens para contar algo que está ancorado no cotidiano. Ela se desvincula da pretensa objetividade que as notícias carregam, pois é um gênero que tem alto grau de subjetividade, além da alusão à liberdade de escrita dos cronistas.

A crônica é, portanto, gênero jornalístico e também literário, com forte potencial formador de opinião, podendo ou não estar vinculada ao noticiário do jornal. Nos termos de Motta (2013), é narrativa e, portanto, não pode ser analisada independente do contexto nem do modo de produção. Como narrativa jornalística, carrega o ponto de vista do autor, suas vivências e intenções.

As narrativas só existem em contexto e, para cumprir certas finalidades situacionais, sociais e culturais, não podem nunca ser analisadas isoladamente, sob pena de perderem o seu objetivo determinante. As narrativas são dispositivos argumentativos produtores de significados e sua estruturação na forma de relatos obedece a interesses do narrador (individual ou institucional) em uma relação direta com o seu interlocutor, o destinatário ou audiência. (...) É impossível desconsiderar as manobras e artimanhas discursivas decorrentes das intenções do autor/narrador na análise, sejam elas conscientes ou inconscientes. (MOTTA, 2013, p.120-121).

Seguindo a trilha de Motta, não existe narrativa isenta do repertório nem do autor nem do receptor. Quando se trata de crônica, o olhar do autor está no próprio contrato de leitura. Além de sua notável subjetividade, a crônica carrega também uma memória do seu tempo, como podemos perceber nas crônicas de Cosette de Alencar.

2.1 A CRONISTA COSETTE DE ALENCAR

Nascida em 18 de janeiro de 1918, em Juiz de Fora/MG, na antiga Rua Imperatriz – atual Marechal Deodoro, a filha de Gilberto de Alencar e Sofia Áurea do Espírito Santo

conquistou amplo espaço na imprensa juiz-forana, com um grande número de publicações. Cosette de Alencar estudou inicialmente no Grupo Delfim Moreira, em seguida cursou magistério e lecionou na Escola Normal de Juiz de Fora, atual Instituto Estadual de Educação. Passou do magistério à administração pública, sendo nomeada em 1964, pelo governador Magalhães Pinto, ao cargo de Assistente da Comissão de Planejamento na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, o qual veio a se aposentar no ano de 1969.

Paralelamente a esses cargos, Cosette também colaborava com publicações para o jornal “Diário Mercantil”, ao qual veio a se vincular profissionalmente em junho de 1961, quando este já havia sido incorporado aos “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand. Além de Juiz de Fora, a literata também chegou colaborar para jornais do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São João Del Rey.

Sua atuação nos periódicos de Juiz de Fora foi bastante significativa. A cronista escreveu para “O Pharol”, “Jornal do Comércio”, “Gazeta Comercial” e no “Diário Mercantil”, de 1939 até 1973.

No Diário Mercantil, publicou crônicas em diversas colunas: Bilhete de 1939 a 1941, Semana de 1942 a 1945, Correio da Província de 1945 a 1946, Coisa da Cidade em 1946, Conversa de Domingo em 1947, Duas Palavras de 1947 a 1948, Conversa com Joaquim de 1950 a 1951, Letras aos amigos ausentes em 1951, Instantâneo em 1951, Rodapé Dominical, de 1953 a 1973; Canto de página, de 1960 a 1973; Grifo, de 1961 a 1962; Suelto, de 1961 a 1966; Cravo e Canela, de 1963 a 1967, e Livros e Letras, de 1968 a 1973. (MOL, 2015, p.23).

Ainda no “Diário Mercantil”, Cosette fez algumas edições do “Diário de Ana”, espécie de folhetim na coluna semanal do “Rodapé Dominical”. O “Diário de Ana” circulou até outubro de 1967, e depois disso o “Rodapé Dominical” continuou sendo publicado no jornal até o ano de seu falecimento, em 1973.

A segunda coluna mais duradoura da cronista foi o “Canto de Página”, circulando durante treze anos no “DM”. Geralmente ela aparecia no canto superior direito da página 2 do jornal, tendo aparecido também em outras páginas em determinados momentos, como será detalhado mais adiante.

Apesar de muitas de suas crônicas no “Diário Mercantil” terem refletido um caráter conservador, sobretudo no ano do golpe militar, Cosette teve também como marca uma preocupação com questões sociais, atenta ao cotidiano de seus leitores.

Suas crônicas desnudavam uma escritora atenta às questões sociais, culturais, políticas e econômicas do Brasil e do mundo. Escrevia, também, sobre fatos e sentimentos observados em seu cotidiano. Com frequência, recebia obras inéditas de

autores de todo o país, elaborando a respeito dessas um parecer crítico. (CALIXTO, 2014, p.23).

Constantemente, Cosette de Alencar trocava correspondências com grandes nomes da nossa literatura, enviando a eles, muitas vezes, recortes de suas crônicas no “DM”, além de críticas das obras que recebia. “Com a correspondência, Cosette aproximava-se mais dos literatos e discutia questões sociais, políticas, culturais e, acima de tudo, literárias.” (CALIXTO, 2014, p.20). Seu primeiro correspondente foi Eduardo Frieiro, “com quem trocou cartas desde os idos de 1930”¹. Outro nome conhecido pela troca de correspondências com a literata é Enrique de Resende. Além de responder colegas escritores, ela também respondia as cartas enviadas por seus leitores.

Cosette carregava um sobrenome que vinha sendo dedicado notoriamente às letras brasileiras. Filha do renomado escritor e membro da Academia Mineira de Letras, Gilberto de Alencar, Cosette trazia em seu sangue a vocação e a responsabilidade de “manter ativo e altivo o sobrenome Alencar no mundo das letras”. (ROSA, 2015, p.192)².

Além de seu talento nato com a língua portuguesa, Cosette se revelou autodidata com a língua francesa. Colaborou com a Editora Itatiaia em traduções como “O Adolescente”, de Dostoiévski e “Grandes Esperanças”, de Dickens.

Outra contribuição extra de Cosette foram os textos publicados na revista “Alterosa”, de Belo Horizonte. Participação esta que lhe conferiu, em 1967, o reconhecimento de melhor cronista do estado de Minas Gerais. Neste mesmo ano, Cosette terminou o seu primeiro e único livro “Giroflê, Giroflá”, romance que, em 1968, foi selecionado a concorrer ao Prêmio Walmap, “considerado o maior prêmio literário do país, reconhecido em âmbito internacional”. (CALIXTO, 2014, p.22). Em 1970 a obra foi premiada pela Imprensa Oficial e publicada no ano seguinte.

Dando sequência à carreira de seu pai, Cosette recebeu prêmios por sua contribuição na literatura. Ainda com sua obra “Giroflê, Giroflá”, a escritora recebeu o Prêmio Nelson de Faria, “considerado a láurea máxima da Academia Brasileira de Letras”. (CALIXTO, 2014, p.22).

¹ Informação retirada da matéria publicada no Diário Mercantil, na edição do dia 11 de julho de 1973, em homenagem à morte da cronista Cosette de Alencar.

² Rita de Cássia Vianna Rosa contribui com o capítulo 7 “A modernidade na pena de uma literata juiz-forana (1939 a 1973)” no livro *Os Intelectuais e a Imprensa*, Rio de Janeiro, 2015. O livro representa o terceiro volume de coletâneas que reuniu os resultados de pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do Gepisp (Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais, Sociedade e Política) e especialistas convidados. O livro foi publicado pela Editora Mauad e contou com a organização de Magali Gouveia Engel, Flavia Fernandes de Souza e Natalia de Santanna Guerellus.

“Giroflê, Giroflá” continuou lhe gerando gratificações. Em 1971 foi eleita Personalidade do Ano dos “Diários Associados” e, em janeiro de 1972, durante solenidade no Cinema Pálace, o deputado Tarcísio Delgado lhe entregou o prêmio. Seis meses depois, em julho de 1972, recebeu das mãos do ministro da Educação, Jarbas Passarinho, o Prêmio Antônio Procópio Teixeira de Andrade. A homenagem aconteceu na Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ainda em 1972, Cosette conquistou o troféu Pequeno Jornaleiro, “que homenageava as personalidades literárias do ano de 1971”. (MOL, 2015, p.26).

Na manhã do dia 10 de julho de 1973, após 55 anos de vida, Cosette faleceu em sua residência após um período de luta contra a leucemia³. Seu corpo foi velado no salão de sessões da Câmara Municipal de Juiz de Fora, saindo de lá às nove horas do dia 11 de julho para ser enterrado no Cemitério Nossa Senhora Aparecida.

Cosette deixou quatro irmãos: Emília de Alencar, Heitor de Alencar, Fernando de Alencar e Marta da Conceição Alencar. Além de muitos amigos, admiradores e leitores.

Sua última crônica veiculada no “Diário Mercantil” foi na edição de 24 e 25 de junho de 1973. Publicada no “Caderno de Domingo”, a crônica foi intitulada “Paz” e saiu na Página 6 (ANEXO A).

2.2 JORNAL DIÁRIO MERCANTIL

Fundado por Antônio Carlos de Andrada e João Penido Filho em 23 de janeiro de 1912, o jornal “Diário Mercantil” representou os interesses da elite de Juiz de Fora com seu perfil conservador. Em seus 71 anos de circulação, o jornal também ficou marcado pelo seu nítido apoio ao regime militar que estava sendo instaurado em 1964, dando grande espaço para as matérias de interesse da ditadura militar.

Em 1932, o “Diário Mercantil” foi vendido aos “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand. Nove anos depois, a edição vespertina do “Diário Mercantil” se converteu no “Diário da Tarde”, de caráter mais popular. Com isso, o “DM” passou para apenas circulação matutina, de terça a domingo, com seis páginas (a partir de 1968 o jornal passou a ter oito páginas).

³ O diagnóstico da doença foi retirado da dissertação (Mestrado em Letras) de Isabela Baião Mol, apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora em 2015. Intitulada: Cosette de Alencar: A cronista de seu tempo.

Com a vinculação aos “Diários Associados”, as matérias sobre a política nacional passaram a ser orientadas pela rede, ao contrário da política local, que continuou a ser produzida pelo “DM”. O jornal de Chatô manteve a hegemonia em Juiz de Fora.

Os outros jornais que circulavam em Juiz de Fora, a Gazeta Comercial e a Folha Mineira, também diários, não conseguiam fazer sombra ao gigante do império de Assis Chateaubriand. Nem o inovador Binômio, lançado em 1958, e que fazia um contraponto à sisudez do DM, pela corrosiva linha editorial, e a diagramação mais arejada e moderna, quebrou a hegemonia do Diário Mercantil junto às lideranças políticas e econômicas da cidade. (MUSSE, 2008, p.4).

A década de 60 foi um marco para o “Diário Mercantil” por diversos fatores. Primeiramente, em meados de 1960 ainda havia muitos jornalistas que não eram graduados e trabalhavam no jornal, muitos deles exerciam outra profissão, “não dependendo exclusivamente do jornal para sobreviver” (MUSSE, 2008, p.5). Com a implantação da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1960, o “DM” passa por significativos avanços.

Com a reforma gráfica de 1968, o “Diário Mercantil” faz a contratação do seu primeiro diagramador, José Luiz Ribeiro. O jornal começava a inovar e, além da nova diagramação, inseriu em suas edições uma página diária de cultura.

A década de 60 no “Diário Mercantil” reforçou ainda mais o seu caráter liberal-conservador com a deflagração do golpe militar em 64. Juiz de Fora, por sua vez, ficou conhecida como a “Capital Revolucionária”, termo que se deu devido à participação direta da cidade de Juiz de Fora na deflagração do movimento da ditadura, tendo em vista que da cidade saíram tropas militares rumo ao Rio de Janeiro.

A cobertura dos acontecimentos políticos durante o período inicial da ditadura militar, no “Diário Mercantil”, se mostrou totalmente favorável ao golpe. Nessa época, as questões políticas locais diminuíram, dando lugar a discursos em apoio ao novo regime militar que se instaurava no país.

A política nacional era noticiada com alta carga de subjetividade do jornal, sendo adotado, constantemente, o uso de adjetivação. Além do amplo espaço reservado para as matérias de interesse do regime, que ganhavam destaque juntamente com a opinião “pró-ditadura” implantada pelo “DM”.

Apesar de o “Diário Mercantil” ser considerado “um veículo conservador, Wilson Cid via no DM uma relação intensa com tudo o que havia na cidade” (MUSSE, 2008, p.7). Cid trabalhou no jornal no período de 1962 a 1983, e assim como ele, o fotógrafo Jorge Couri

também acreditava no trabalho que o Diário tinha junto da comunidade, ao “ouvir as demandas da população e encaminhá-las aos órgãos responsáveis” (MUSSE, 2008, p.7).

Diferentemente da opinião de Cid e Couri, o jornalista Renato Henrique Dias, que trabalhou no jornal entre 1976 e 1981, considera o apoio dado pelo “DM” às questões da cidade “uma estratégia muito comum aos veículos dos Diários Associados e argumenta que não via no jornal preocupação com a comunidade” (MUSSE, 2008, p.7).

Os anos 70 no “Diário Mercantil” foram marcados pela necessidade de inovação na linguagem adotada pelo jornal. O perfil conservador permaneceu, mas vieram mudanças tendo em vista o surgimento do “leitor moderno”. A preocupação era com o “projeto de modernização do texto, mais coloquial, objetivo, direto” (MUSSE, 2008, p.11). Diante dessas novas renovações, o “DM” apresentou um manual com “Normas de Redação para o Diário Mercantil e o Diário da Tarde” contendo “o alinhamento editorial com o que se fazia nas grandes capitais do país” (MUSSE, 2008, p.12).

Se nos anos 60 predominava- a escolha por matérias de âmbito nacional, a década de 70 trouxe ênfase para as pautas locais, como, por exemplo, nas matérias de esporte, que apareceram com muita frequência nessa época, privilegiando equipes amadoras da cidade.

A editoria política do “Diário Mercantil” era afinada aos interesses da elite regional, como afirma a professora Christina Musse (2008):

(...) se afinava com a linha dura da ditadura militar, mas se equilibrava para garantir espaço para o prefeito de oposição, Itamar Franco, do MDB. O jornal era um porta-voz das elites regionais, que exigiam do governo central mais compromisso com o desenvolvimento do Sudeste Mineiro, numa perspectiva de grandes obras e urbanização. Apesar de documentar, por exemplo, a destruição do patrimônio histórico, o *Diário Mercantil* se rendeu aqui ao discurso do poder central, colaborando para sedimentar uma visão de mundo desvinculada da memória e do passado e comprometida apenas com o futuro do “Brasil Grande”. (MUSSE, 2008, p.13).

A crise do “Diário Mercantil” tem seu início com a morte de Assis Chateaubriand, em 1968. E, por consequência, em 1973 a administração do “DM” fica por conta de pessoas ligadas ao “Condomínio dos Diários Associados”. Sob esse novo comando, o “DM” foi contraindo dívidas cada vez maiores, resultado de empréstimos feitos para realizar mudanças no seu parque gráfico. Em 29 de novembro de 1983 o “Diário Mercantil” publicou, na primeira página, o anúncio de fechamento do jornal.

3 CHATÔ E O REGIME MILITAR

Em 1932, como visto anteriormente, o jornal “Diário Mercantil” passou por um momento de transição ao ser integrado aos “Diários Associados”, sob o comando de Assis Chateaubriand (1892—1968). Incorporando empresas de mídia impressa, rádio e televisão ao longo dos anos⁴, a rede dos “Diários Associados” iniciou sua trajetória adquirindo “O Jornal”⁵, em 1924.

Os “Diários Associados” tinham uma relação direta com o poder e formação de opinião, principalmente no âmbito político. Com isso, o “Diário Mercantil” não foi diferente. Como órgão Associado, o “DM” passa a assumir caráter político tendencioso de acordo com a posição de Chatô. Assim sendo, o jornal deu voz aos que defendiam a saída do presidente João Goulart do poder, evidenciando, em suas páginas, argumentos favoráveis ao novo regime que começava a ser imposto ao país.

A importância do estudo do “Diário Mercantil” nesse contexto político se dá a partir do fato de que esse jornal era o principal veículo noticioso da cidade de onde partiu o golpe militar de 1964. Comandados pelo general Olympio Mourão Filho, soldados marcharam da 4ª Divisão de Infantaria do Exército de Juiz de Fora em direção à cidade do Rio de Janeiro para a deflagração do golpe.

Em 1965, a cobertura política do Diário Mercantil se caracterizava pela permanente associação do conteúdo jornalístico à opinião explícita – inclusive com soluções textuais visivelmente bajulatórias ao recém-instalado regime militar. Nesse período, Juiz de Fora era tratada como a “Capital Revolucionária”, ao mesmo tempo em que a cobertura política local era negligenciada nas escolhas editoriais do jornal. (LEAL, 2008, p. 13).

O “Diário Mercantil” se manifestou a favor de uma tomada de atitude pelos militares para impedir as reformas que Jango pretendia realizar. Contudo, foi com os militares que os “Diários Associados” mais se afligiram.

Os desentendimentos entre o magnata da comunicação e os generais se agravariam em junho de 1965, diante da vista grossa que os militares fariam para ajuda

⁴ Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=44>. Acesso em 24 de abril de 2016.

⁵ Jornal que circulou no Rio de Janeiro, fundado em 1919 por Renato Toledo Lopes, e comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello em 2 de outubro de 1924, tendo sido, até 28 de abril de 1974, o “órgão líder dos Diários Associados”. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101426/memorial18.pdf>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

financeira que o grupo norte-americano Time Life deu à TV Globo (MORAIS, 1995, p. 665). Além disso, em 1966 a concorrente direta da TV Tupi – pertencente aos “Diários Associados” – adicionou à sua grade de programação a nova conquista: o telejornal Repórter Esso (1952-1970), abalando financeiramente a rede dos “Diários Associados”, “uma vez que, por efeito manada, agências de publicidade norte-americanas também deslocaram seus anúncios para veículos correntes” (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015).

Com o descontentamento de Chateaubriand ao aporte financeiro a concorrentes, as páginas do “Diário Mercantil” publicaram o artigo “Administrador de Cemitérios”, assinado por Chatô, em 18 de março de 1967 (ANEXO B). Este artigo também foi publicado na íntegra nos periódicos “Gazeta Mercantil”, no dia 18 de março, e em “O Jornal”, no dia 15 de março (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015).

Nessa época, Chateaubriand já estava doente, com problemas de saúde resultantes de uma trombose manifestada em fevereiro de 1960, mas isso não o impediu de publicar o artigo em que descrevia Castelo Branco como “defunto grosso e feio”⁶. Ainda nesta publicação, Chatô faz referência ao episódio da Time Life associando-a a um Cavalo de Tróia brasileiro. Suas alfinetadas não pararam por aí: sobre o legado que Castelo Branco deixou antes de sair do poder, nesse mesmo ano de 67, Assis Chateaubriand destaca:

Dois vácuos: interno e externo. Lá fora matou a confiança no País por uma alarve estatização. (...) Não há nem tem havido investimentos privados, e estes traduzem o padrão da confiança exterior num Estado e seu governo. É fato que se tentaram reformas estruturais. Todos ficaram no papel. (...) O nôvo govêrno recebe o país das mãos do outro, que exauriu o mercado interno, e pôs em fuga o externo, por se vê diante de uma nação, cujo governo infligiu à sua gente os piores vexames, sem contudo defender a moeda, cada vez mais aviltada. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho do artigo “Administrador de Cemitérios”, de Assis Chateaubriand, 18/3/67).

Os anos de repressão dali em diante passariam a ter uma abordagem diferente daquela presenciada no início do golpe, principalmente na coluna “Canto de Página”, da cronista Cosette de Alencar, no jornal “Diário Mercantil”.

3.1 A OPINIÃO NA COLUNA CANTO DE PÁGINA

A importância da coluna “Canto de Página” de Cosette de Alencar se dá pelo fato da mesma se comportar como formadora de opinião dentro do “Diário Mercantil”. As

⁶ Retirado do artigo “Administrador de Cemitérios”, publicado no Diário Mercantil, em 18 de março de 1967.

crônicas de Cosette representam papel significativo principalmente no contexto histórico do golpe.

Com início em 1960, a “Canto de Página” foi uma coluna importante no “Diário Mercantil”, em que Cosette de Alencar apresentava crônicas diárias que acompanhavam a temática do cenário atual. Cosette se importava em escrever sempre sobre assuntos relevantes e referentes ao que estava acontecendo no momento sendo, portanto, uma cronista que buscava, nos fatos noticiados na imprensa, matéria prima para seus textos. A coluna foi publicada até o ano de 1973, tendo sido interrompida com a morte de Cosette. Vale ressaltar que a cronista contribuía diariamente para o jornal, mas a frequência de seus textos variava, ou seja, algumas vezes a coluna não saía e, em seu lugar, apareciam publicações de diferentes naturezas, como por exemplo, matérias assinadas por outros jornalistas e até mesmo a presença da coluna “Livros e Letras” como substituta.

Diferente do caráter mais cultural e literário encontrado em suas outras duas colunas ativas também no período do golpe, “Rodapé Dominical” e “Livros e Letras”, a “Canto de Página” carregava em sua essência a temática política – não é à toa que a maior parte em que esteve em produção era publicada na página 2 do jornal, espaço destinado às matérias de caráter político.

No decorrer dos anos de repressão pudemos observar mudanças notórias na coluna: tanto em caráter de posicionamento, quanto de mudança de editoria (houve realocação de páginas - alguns meses antes da fase mais sombria e opressiva da ditadura: a decretação do Ato Institucional Nº 5). Saindo da página 2, de caráter político, a “Canto de Página” migrou para a página 5, de cultura, se adequando conforme as exigências da ditadura militar – que será demonstrado na análise de conteúdo no capítulo seguinte.

3.2 O REFLEXO DA LINHA EDITORIAL NO CRONISMO DE COSETTE

Como dito anteriormente, Cosette de Alencar refletia a linha editorial do “Diário Mercantil” em suas crônicas. A literata apresentou momentos distintos do seu cronismo na época da ditadura: a clara oposição ao governo democrático de João Goulart em 1964, que resultou na deposição do presidente com a ascensão dos militares, e três anos mais tarde, se opondo ao governo militar que anteriormente havia defendido.

Para detectar as fases de Cosette é preciso exemplificar o decorrer dessa mudança de posição e observar como o cenário político que o Brasil estava vivenciando adentrou às suas crônicas. A análise da narrativa de Cosette levará em conta neste trabalho o contexto

histórico daquele momento, um cenário político conturbado, retratado pela cronista em textos carregados de metáforas e referências que precisaram ser pesquisadas.

A crônica escrita na véspera do golpe e publicada no dia 1º de abril de 1964, data da tomada de poder pelos militares e deposição do presidente João Goulart, foi intitulada “S. Exa., O Povo”. Nela, claramente notamos o ódio ao governo de Goulart, que contextualizou um período em que a crise econômica, a inflação e a instabilidade política se propagavam no país. Cosette rotula o governo Jango como “mediocre” apontando as reformas que haviam sido prometidas e não se efetivaram.

Virou e mexeu, prometeu muito, mas a verdade que não soube deter a inflação, único e verdadeiro flagelo nacional. Apregoou reformas mas não as realizou, afirmando que precisa, primeiro, alterar a Constituição. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “S. Exa., O Povo”, de Cosette de Alencar, 1/4/64).

Ainda nesse texto, Cosette chegou a comparar Goulart a uma “louça fina que as donas de casa gostam de ter em seus armários, embora saibam que jamais terão oportunidade de usá-la”. Em seguida, acrescenta que os eleitores não imaginavam que Jango chegaria realmente a assumir a presidência algum dia, não esperavam pela “loucura do homem da vassoura”. Nesta expressão Cosette relembra o episódio da renúncia abrupta de Jânio Quadros à presidência do Brasil, e a palavra “vassoura” retoma ao símbolo de sua campanha. Jânio Quadros prometera ao povo varrer a corrupção que se expandia no país. A renúncia de Jânio Quadros foi citada também em outro momento nessa crônica, quando Cosette comenta que João Goulart não foi escolhido para assumir a presidência, mas sim Jânio Quadros que “deu rasteira a seis milhões de ingênuos eleitores, que nele acreditavam de modo total”.

Chegando ao final da crônica, Cosette indaga um possível comunismo de Jango: “é de fato, o doutor Goulart um declarado simpatizante do credo vermelho? Deseja ele, realmente, comunizar o País?”.

A crônica “Crises” foi publicada um dia depois da recém tomada de poder pelos militares, e fala das crises consideradas rotineiras naquele contexto, o que demonstra a incerteza com o que sucederia ao golpe: resolveria realmente algo ou seria só mais uma crise passageira?

Superada a última crise, tornamos a posição que se tornou habitual ao País: esperar a crise próxima (...). É verdade que estas crises, assim frequentes, perderam por inteiro seu sabor, embora não tenham perdido sua malignidade. Acarretam prejuízos, entravam o progresso nacional, mas tornaram-se rotineiras. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Crises”, de Cosette de Alencar, 2/4/64).

Na sexta-feira, dia 3 de abril de 1964, saiu a publicação de mais uma crônica que deu voz aos golpistas, de acordo com a linha editorial de Chatô favorável ao regime militar em 64. Intitulada “Presença de Minas”, a crônica ao mesmo tempo em que expõe a dúvida presente sobre os possíveis desdobramentos da atual conjuntura política, também enaltece o Estado de Minas Gerais, que exerceu papel importante nesse período de detenção do poder pelos militares.

Dê no que der tudo isso, é certo que a História irá registrar mais esta página gloriosa para nossa província, de onde, ainda uma vez sai o grito de alarme ante a liberdade ameaçada. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Presença de Minas”, de Cosette de Alencar, 3/4/64).

Cosette se sente orgulhosa, nesse momento, da atuação de seu Estado e elogia, ao final da crônica, o governador de Minas, Magalhães Pinto, que “não parou de surpreender o País, embora desta vez tenha, de fato, causado impacto”.

A tomada de poder dos militares estava sendo vista como uma “vitória da democracia” e dessa forma foi retratada na coluna “Canto de Página” na edição referente aos dias 5 e 6 de abril de 64⁷. Sob o título “Inteligência”, a crônica fez menção dessa palavra à população brasileira que apoiou a intervenção militar e marchava em vários cantos do país em nome da “família, com Deus e pela liberdade”.

Está ganha, agora, a batalha da democracia. Parece que ainda não foi ganha a guerra da democracia, e isto serão outros quinhentos mil réis (...). Os soldados cumpriram sua parte, e a cumpriram bem como todos vimos – e como verá o mundo inteiro. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Inteligência”, de Cosette de Alencar, 5 e 6/4/64).

Cosette ainda engrandece o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto e o general comandante da 4ª Região Militar, Olympio Mourão Filho, pela participação ativa na deflagração do golpe. Segundo palavras da cronista em “Inteligência”, os dois “entraram para a História do Brasil de modo bastante honroso para ambos. E igualmente honroso para Minas Gerais, a que serviram nobre e corajosamente”.

Diante de toda essa simpatia com a consolidação do golpe, não era de se esperar que três anos mais tarde esse cenário de apoio viria a ser completamente inverso.

A partir do dia 14 de março de 1967 a coluna “Canto de Página” se ausenta do jornal devido ao adoecimento e respectivo falecimento, no dia 24 de março, de Sofia de

⁷ O Diário Mercantil não circulava às segundas-feiras, com isso, a suas edições eram publicadas junto com as de domingo.

Alencar, mãe de Cosette. A cronista retorna com suas publicações no periódico em uma quinta-feira, dia 30 de março, com a crônica intitulada “Lição”.

Em um contexto de perda e luto, a crônica que marca o retorno da literata no “DM” aborda esse momento difícil o qual passava com a morte da mãe. “Vi apagar-se, a meu lado, a chama de uma vida que, por assim dizer, de minha própria vida se alimentava”, palavras de Cosette na crônica “Lição”.

Cosette só viria a repercutir o artigo “Administrador de Cemitérios”, em sua terceira crônica após seu retorno ao jornal. Com o título “Crença”, na edição de 1º de abril de 67, a cronista aborda logo de início a inflação desenfreada no governo de Castelo Branco e que se manteve na sucessão do governo Costa e Silva.

Sai Marechal, entra Marechal, a inflação continua. A única novidade que eu encontrei depois de duas semanas de hospital foi mesmo o aumento geral nos preços das utilidades essenciais da vida. (...) Enquanto se espera, tudo continua a subir de preço e não há dia em que a imprensa não veicule novas ascensões deste tipo. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Crença”, de Cosette de Alencar, 1/4/67).

Cosette ainda corrobora com a indignação de uma parcela da sociedade durante a gestão dos militares. “Como é que os governantes esperam do povo outra coisa que não seja a irritada apatia em que está mergulhado? Como é que o povo pode outra coisa sentir?” (DM, trecho da crônica “Crença”, de Cosette de Alencar, 1/4/67).

Ainda em “Crença”, Cosette transmite a desesperança no governo através de suas palavras, ao idealizar uma pátria salva em um cenário em que Costa e Silva “saísse um novo Floriano” e logo em seguida descartar a hipótese como sendo improvável de acontecer, visto ser mais fácil “um cavalo voar do que nos apareça uma nova brasa florianesca capaz de incendiar o lixo nacional acumulado há quase quarenta anos”⁸.

Cabe destacar a ironia fina da comparação, uma vez que o gaúcho Costa e Silva já era conhecido por sua paixão pelas corridas de cavalo, sendo a expressão cavalo voador jargão popular entre os amantes desse esporte. O tom de desesperança se manteria até o final da crônica, em um encerramento que evidencia a habilidade da cronista ao narrar histórias. (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015, p.7).

A sua próxima crônica datada em 02 e 03 de abril e intitulada “Populorum Progressio” viria novamente na defesa do povo e contra o regime instaurado. Com a classe média afetada pela crescente inflação e com decorrência disso um alto custo de vida difícil de

⁸ Trecho da crônica “Crença”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 01 de abril de 1967.

se manter, Cosette afirma: “Não pode existir vida normal numa democracia de que se alijou a classe média: é ela o verdadeiro pulmão nacional. Ou lhe darão oxigênio ou o país perece”⁹.

Na quarta-feira, dia 5 de abril de 1967, Cosette ataca ainda mais diretamente o governo dos generais fazendo, ao mesmo tempo, um certo apelo pela redemocratização do Brasil. A cronista que antes fora responsável por um apoio incondicional à tomada de poder dos militares, agora se posicionava totalmente contra o novo regime. Mudança esta que ficou evidente e nos faz pensar ter sido espelhada na publicação do artigo de Assis Chateaubriand.

No mais, tem aquela afirmativa presidencial de que estamos em regime democrático e nele sempre estivemos, apesar de algumas suspeitas em contrário. Dir-se-ia que afirmativa transcende, mas eu não acho. Que significa isto? Que diferença faz o nome do regime sob o qual vivemos. O que não se pode negar é que o povo, seja democrático ou não o regime do país, está no último furo de sua resistência. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Demagógico”, de Cosette de Alencar, 5/4/67).

Ainda em “Demagógico”, ao citar a expressão “morrer de fome” a cronista não se refere apenas à carência de alimentos. Aqui, “a fome dos que não comem quando precisam comer” faz alusão à ausência das eleições democráticas de novos governantes para o país, escolhidas pelo voto popular, e não sendo imposto aos cidadãos – realidade presente naquela época, com a imposição dos militares.

Ao final da crônica, Cosette refere-se “à ignorância dos governantes militares, dizendo que bastaria ler a extensa bibliografia a respeito do tema para tirar o sono deles caso eles tomassem conhecimento real do problema” (THOMÉ, REIS e VALLADARES, 2015).

“Nossa Capital”, publicada em 23 e 24 de abril de 1967, reforça a oposição com o regime militar no cronismo de Cosette. Nesta crônica, a cronista critica que, mesmo com a mudança de cargos dos ministros e a troca do “time” de Castelo Branco para o de Costa e Silva, o país continuava deplorável sob a liderança militar.

No mais, se tudo não está igual, está bastante parecido. Ainda não houve tempo para substancial modificação? Pode ser. Mas um governo como este, dono e senhor de seu nariz tanto quanto dos narizes de oitenta milhões de concidadãos, se quiser mesmo, muda o disco em vinte e quatro horas. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Nossa Capital”, de Cosette de Alencar, 23 e 24/4/67).

⁹ Trecho da crônica “Populorum Progressio”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 02 e 03 de abril de 1967.

Rotulada muitas vezes como conservadora, Cosette se mostra defensora das causas sociais durante o que pode ser chamada aqui de sua segunda fase – de oposição ao regime militar.

Quando falamos em crônica imaginamos um espaço de total liberdade do cronista, onde ele possa contar uma história sem estar vinculado a uma pauta específica. Tendo em vista o comportamento de Cosette no “DM”, espelhando-se na posição política do artigo “Administrador de Cemitérios”, reforçamos que a crônica é literatura, mas também é indústria cultural. De certa forma é espaço político de formação de opinião pela linha editorial do jornal e de uma coluna. O que nos faz questionar: qual o grau de liberdade de Cosette de Alencar em suas crônicas?

De qualquer forma, essa “liberdade de expressão” contra os generais não duraria muito tempo. Em 13 de dezembro de 1968 foi decretado o AI5, período de maior repressão e atrocidades cometidas pela ditadura militar.

4 EFEITO AI-5 NO CANTO DE PÁGINA

Um clima de paranoia dentro dos quartéis, frente ao aumento da resistência à ditadura militar instaurada em 1964, culminou com a publicação, em 13 de dezembro de 1968, do Ato Institucional nº 5. Conhecido como o golpe dentro do golpe, o AI-5 marcou o fechamento do Congresso Nacional¹⁰, a cassação de 11 deputados ainda em dezembro e de políticos de diferentes esferas e ministros do Supremo Tribunal Federal em janeiro e a suspensão da garantia do habeas-corpus, entre outros dispositivos repressivos.

“É a excessiva preocupação dos militares com a subversão, real ou imaginária, que pode se tornar mais perigosa”¹¹. Foi com essas palavras que a agência de espionagem dos Estados Unidos, a CIA, descreveu o clima dos momentos que antecederam ao AI-5. A agência cita neste relatório, tornado público no fim de 2015, a prisão decretada pelo governo militar de padres franceses em Belo Horizonte no início de dezembro de 1968. Vê, na prisão, elemento que comprovava a pressão que militares linha dura faziam sobre o general Costa e Silva em prol do endurecimento do regime ditatorial.

Os militares linha dura se articularam após o aumento da resistência à ditadura dentro do próprio Exército, sendo considerada emblemática a deserção do capitão Carlos Lamarca em 26 de janeiro de 1968 para criar a Vanguarda Popular Revolucionária, grupo de guerrilha armada. Ganharam mais adesões após os protestos estudantis de março¹² e populares de junho.

Mas é o mês de setembro que marcará o início da contagem regressiva para o AI-5. Em pronunciamento no Congresso Nacional, o deputado Márcio Moreira Alves, do MDB, convocou os brasileiros a boicotarem os desfiles militares do 7 de Setembro. Pressionado, Costa e Silva declarou que o discurso bem como artigos contra o regime publicados na imprensa pelo também deputado Hermano Alves (MDB) eram "ofensas e provocações irresponsáveis e intoleráveis".¹³

¹⁰ O Congresso só foi reaberto em outubro de 1969 especificamente para formalizar a indicação do general Emílio Garrastazu Médici para a Presidência da República.

¹¹ In: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/01/1729294-para-cia-paranoia-excessiva-de-militares-resultou-no-ai-5.shtml>, acesso em 22 de junho de 2016.

¹² Em março de 1968, protesto de estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro por melhoria do cardápio e redução de preços no bandeirão universitário foi fortemente reprimida pela polícia e resultou na morte do estudante Edson Luís de Lima Souto. O enterro reuniu 50 mil pessoas e deflagrou uma série de manifestações estudantis, organizadas UNE, culminando na Passeata dos Cem Mil, no Rio, em junho.

¹³ In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>, acesso em 22 de junho de 2016

Costa Silva solicitou a cassação dos parlamentares e a pressão sobre os jornais opositores aumentou, entre eles, o “Correio da Manhã”, que publicara os artigos de Hermano Alves, e “O Jornal”, do grupo “Diários Associados”. Com base no decreto nº 20.493/46, os militares instituíram a Divisão de Censura e Diversão Pública, aparelho repressivo fortalecido pela Lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1968, que instaurava o cargo de censor.

O estopim para o AI-5 seria a sessão parlamentar do dia 12 de dezembro em que deputados, inclusive governistas, recusaram, por uma diferença de 75 votos, o pedido de licença para processar Moreira Alves. O AI-5, instaurado em 13 de dezembro de 1968, vigorou até dezembro de 1978 e representou o endurecimento do regime, com a suspensão de direitos, “definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados”.¹⁴

Foi um momento de censura dos jornais e, nesse aspecto, é relevante detectar como os espaços de opinião foram ou não silenciados. Por conseguinte, considerando a contextualização do AI-5, esse capítulo vai mostrar a análise feita nas crônicas da coluna “Canto de Página”, durante os três meses específicos, para a conclusão do efeito que o AI5 apresentou na coluna de Cosette.

No decorrer da pesquisa já foi possível detectar mudanças na coluna, tanto de tom quanto de localização dentro do jornal, como por exemplo, migrar da página 2, de política, para a página 5, de cultura. Essa alteração se deu em setembro de 1968, meses antes do AI-5. O 13 de dezembro de 1968 apenas legitima algo que já vinha sendo colocado em prática. Com isso, podemos presumir que a realocação da coluna de Cosette no “Diário Mercantil” já fazia parte de uma das ações do AI-5 que estava por vir, ações que foram se intensificando cada vez mais.

No dia 3 de setembro de 1968 foi publicada a primeira crônica do “Canto de Página” estreando na Página 5 do jornal. Intitulada “Renovação” (ANEXO C), a crônica já começa falando da alteração na diagramação da coluna: “Balbino, o jornal está de roupa nova, a natureza também, setembro chegou, temos primavera no ar, temos no ar outras coisas (...)”¹⁵. Nota-se que quando a cronista fala que “temos no ar outras coisas” nos faz refletir que ela possa estar fazendo uma crítica velada ao contexto de censura que já estava se intensificando nesse momento, principalmente se levarmos em conta que a sua coluna estava

¹⁴ In: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>, acesso em 22 de junho de 2016.

¹⁵ Trecho da crônica “Renovação”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 03 de setembro de 1968.

migrando de um local de fala política para uma categoria cultural, característica da página 5 do “DM”.

Além da observação nas mudanças gráficas e de editoria é importante analisar como a cronista se expressou em seus textos durante a fase mais sombria da ditadura. A questão, citada anteriormente, sobre a formação de opinião nas crônicas estar atreladas não só a uma liberdade da cronista, como também à linha editorial do jornal, ganha uma nova hipótese durante o AI-5: houve um silenciamento e, por consequência, ausência de formação de opinião tão presente na coluna antes do AI-5? Mas para obtermos essa resposta foi preciso analisar as crônicas do período. Para tanto, devemos apresentar, primeiramente, a metodologia utilizada nesta pesquisa.

4.1 PROPOSTA DE ANÁLISE

Para esta pesquisa, optou-se pela análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Tal análise foi escolhida para identificar de forma qualitativa as temáticas que formam o objeto da presente proposta de leitura da obra de Cosette de Alencar. Com este amparo metodológico (olhar acadêmico sobre as características do texto, inferência ou dedução da maneira lógica e interpretação ou significação relacionada a estas características), buscou-se elementos da linguagem (termos peculiares presentes nas crônicas, por exemplo), seu uso nas crônicas e os sentidos dados para estes termos nos textos estudados, de modo a identificar o comportamento e postura da cronista durante três fases importantes do período militar.

Segundo a metodologia de Bardin, “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se em redor de um processo de categorização” (BARDIN, 2011, p. 147). Com isso, a presente pesquisa optou pela criação de categorias temáticas para as análises das crônicas da coluna “Canto de Página”.

O método de Laurence Bardin exige uma organização da análise em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira fase, de pré-análise, corresponde à organização propriamente dita. Ela engloba algumas atividades iniciais que devem ser feitas para estabelecer o corpus, as hipóteses e a preparação de materiais para que possam ser submetidos à análise final posteriormente. A pré-análise conta com a leitura “flutuante”, a escolha dos documentos, a

formulação das hipóteses e dos objetivos, a referenciação dos índices e elaboração de indicadores e, por fim, a preparação do material.

A leitura “flutuante” consiste em estabelecer o primeiro contato com os documentos, neste caso, com as crônicas do “Canto de Página”, a fim de “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126).

Nesta pesquisa foi necessário ir mais além, não apenas fazendo a leitura flutuante, como também contextualizando cada período que a crônica aludia. Foi preciso resgatar as referências do cenário que estava sendo vivenciado na época em que as crônicas foram publicadas, para assim entender cada crítica e uso de ironias e metáforas que Cosette empregava nesses momentos específicos.

Na leitura das crônicas de décadas atrás foi preciso buscar entender ora o contexto político, ora os termos usados e as referências utilizadas pela cronista. Por exemplo, na crônica do dia 25 de abril de 1967, além da leitura flutuante, foi feita uma pesquisa complementar sobre o “Surveyor 3” citado ao longo do texto. Com isso, detectamos que a cronista referia-se à segunda sonda não-tripulada do Programa Surveyor, da NASA, a fazer um pouso suave na Lua para explorá-la, em 1967. Mais especificamente, ela foi lançada em 17 de abril de 1967 e foi a primeira da série Surveyor em que a nave carregou uma pequena pá para recolher amostras do solo.

A contextualização de termos e informações da época, que Cosette incorporava em suas crônicas, é importante para a ampliação do entendimento geral na análise. Após realizar a pesquisa sobre a “Surveyor 3”, na análise desta crônica, foi ainda mais esclarecedor o uso da ironia feita pela cronista, ao criticar e comparar ironicamente a falta de ação da política brasileira com o trabalho que estava sendo realizado na Lua através da sonda.

Enquanto isso, a pá mecânica do "Surveyor 3" realizou, diz-se que com êxito, um teste bastante delicado: mostrou que dará conta do recado e, na hora oportuna, escavará mesmo o chão lunar. Neste particular, a Lua é mais feliz do que o Brasil onde, à falta de cavadores de chão, vem mingando assustadoramente o pão destinado a matar a fome da população. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Leite para as criancinhas”, de Cosette de Alencar, 25/4/67).

Ainda na leitura flutuante foi possível constatar, então, que Cosette faz uso de metáforas em suas crônicas. Ao falar dessa “falta de cavadores de chão” faz referência à ausência de ações por parte dos políticos brasileiros para a melhoria das condições de vida da população. E essa metáfora se evidenciou ainda mais após a contextualização da importância que a sonda “Surveyor 3” estava tendo para as escavações lunares naquela determinada época.

Outro exemplo de análise da conjuntura se revela na crônica intitulada “Já na Lua”, publicada no dia 28 de dezembro de 1968. Nesta crônica, além de falar novamente sobre os avanços da ciência espacial, Cosette aproveita para interligar esse assunto com a gripe de Hong Kong para, novamente, ironizar suas críticas ao governo. A cronista consegue fazer referência a assuntos distintos com um único propósito – reprovar a situação da política daquele momento, como podemos conferir no trecho a seguir: “Já com o pé na Lua, ainda não dispõe o homem de meios para debelar um simples resfriado, pode ainda morrer de um insignificante resfriado. Ora já se viu!”¹⁶

Para interpretar essa crítica equivalente ao que a cronista quis transmitir aos seus leitores na época, é necessário entender a seriedade do que foi essa gripe de Hong Kong em 1968. O vírus da gripe¹⁷ apareceu pela primeira vez em Hong Kong, no verão de 1968, e logo se tornou uma pandemia. O Museu da Sociedade de Ciências Médicas de Hong Kong publicou um livro em 2006, intitulado “Peste, SARS, e a história da medicina em Hong Kong”, que estima que quase meio milhão de pessoas foram infectadas com o vírus na China. Em menos de um mês, ele se espalhou para o Vietnã e depois para a Índia e Austrália. As tropas norte-americanas estacionadas nesses países contraíram o vírus e o levaram para os Estados Unidos. Um relatório divulgado pela Congressional Quarterly, em 1986, afirmou que quase 50 milhões de pessoas foram infectadas nos Estados Unidos e 34 mil morreram.

Diante deste contexto, Cosette critica ironicamente que, mesmo obtendo toda a tecnologia utilizada na conquista espacial, o homem não encontrava solução para erradicar a pandemia de gripe que estava causando mortes e se espalhando ao redor do mundo.

A partir do momento em que o leitor está distante do tempo cronológico de determinada obra a ser lida, passa a ser imprescindível a familiarização com o contexto da época, como pudemos notar nos dois exemplos citados acima.

Dando sequência à fase de pré-análise da metodologia de Bardin, tendo feita a leitura flutuante, o próximo passo é a escolha dos documentos. Como o próprio nome diz, esse momento consiste em escolher o conjunto dos documentos que serão submetidos aos procedimentos analíticos. Essa escolha pode ser feita a priori ou diante de um objetivo específico levantado.

¹⁶ Trecho da crônica “Já na Lua”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 28 de dezembro de 1968.

¹⁷As informações sobre a gripe de Hong Kong foram retiradas do site eHow Brasil. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/sintomas-gripe-hong-kong-sobre_5897/> . Acesso em 15 de junho de 2016.

No caso desta pesquisa, o universo de documentos de análise demarcado ficou decidido em função dos períodos históricos envolvendo a ditadura militar. Por se tratar de contextos distintos, foi necessário analisar os meses separadamente.

A definição do corpus se deu, inicialmente, com os três meses a seguir: abril de 1964, março de 1967 e dezembro de 1968. A escolha por abril de 1964 está relacionada ao fato deste ter sido o mês da deflagração do golpe militar, em que tropas do general Olympio Mourão Filho marcharam de Juiz de Fora rumo à cidade do Rio de Janeiro.

Em 18 de março de 1967, como visto no capítulo anterior, Assis Chateaubriand publicou um artigo no “Diário Mercantil” intitulado “Administrador de Cemitérios” em que adotava um tom diferente em relação aos militares. Por esse motivo, foi escolhido o mês inteiro deste ano para análise das crônicas de Cosette no “Canto de Página”, seguindo a hipótese de que ela também refletiria um novo tom em sua coluna.

Por fim, dezembro de 1968 foi selecionado tendo em vista a implantação do AI-5 em 13 de dezembro deste ano.

No entanto, no quarto item da pré-análise, referenciação dos índices e elaboração de indicadores, foi necessário fazer uma alteração no corpus, a ser explicado mais adiante. Mas, antes de tratar dos índices, a metodologia de Bardin prevê a formulação das hipóteses e dos objetivos.

Este terceiro tópico presente na pré-análise consiste na criação de afirmações provisórias a serem verificadas no decorrer do estudo, ou seja, é uma explicação antecipada do fenômeno observado. Neste caso, a hipótese lançada para esta pesquisa sobre as crônicas de Cosette é a de que, com o AI5, a coluna da cronista sofreu um silenciamento e redução no tom crítico que vinha mantendo anteriormente.

A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores também são características da primeira fase (pré-análise), onde através de recortes de textos nos documentos analisados, os temas que mais se repetem podem constituir os índices. O índice é o responsável por fornecer indícios da mensagem, do conteúdo, e os indicadores são os elementos que asseguram esses índices previamente estabelecidos.

Com isso, desde a pré-análise os índices já vão ajudando na categorização para a análise temática que será justificada através dos indicadores. Dessa forma, nas crônicas do “Canto de Página”, durante a leitura do texto, características específicas passaram a ser observadas, assim como as temáticas mais recorrentes e sua frequência nas publicações diversas. O tom que a cronista usava também serviu de indicador para as categorias que começavam a ser pensadas.

Foi neste momento, ao começar o “pré-teste de análise”, que verificamos a necessidade de rever a escolha do corpus referente ao mês de março de 1967. Analisando o conteúdo para pensar possíveis temas categóricos, foi possível notar que a hipótese anterior de que Cosette refletiria o artigo de Chatô em sua coluna não se aplicava a março, mas sim ao mês seguinte, abril de 1967. Isso pode ser justificado pelo fato de março ter sido um mês atípico e conturbado na vida pessoal da cronista. Sua mãe encontrava-se enferma e faleceu no dia 24 deste mesmo mês. Cosette se afasta do jornal voltando às suas atividades no dia 30, onde escreve uma crônica sobre a perda de sua mãe. Sendo assim, apenas em primeiro de abril de 1967 é possível identificar a mudança no tom da cronista. Portanto, o corpus da pesquisa, a partir deste momento, passou a ser: abril de 1964, abril de 1967 e dezembro de 1968.

“Antes da análise propriamente dita, o material reunido deve ser preparado” (BARDIN, 2011, p. 130). Ao falar da preparação do material é importante ressaltar todo o trajeto realizado na pesquisa, desde a coleta até a edição dos materiais.

As crônicas do “Canto de Página”, objeto de estudo deste trabalho, estão disponíveis na Biblioteca Municipal Murilo Mendes, no setor de memória. Existe também um acervo da cronista Cosette de Alencar no Museu de Artes Murilo Mendes, mas pelo impedimento de fotografar as crônicas optou-se por fazer toda a pesquisa na biblioteca municipal da cidade.

Ao todo foram fotografadas e digitalizadas 71 crônicas, sendo 24 referentes a abril de 64, 24 em abril de 67 e apenas 10 em dezembro de 68, além disso, 13 crônicas de março de 67 – que acabaram sendo descartadas da análise final, pelo motivo já exposto. Este corpus abrange todas as crônicas do “Canto de Página” publicadas nos períodos citados.

Após digitalizar e organizar em pastas, foi preciso fazer ajustes de edição nas imagens para facilitar a leitura, visto que muitas páginas do jornal já estavam mais comprometidas devido ao seu tempo de existência. Por fim, cada imagem precisou ser identificada de acordo com o título da crônica e renomeada com sua data de publicação para facilitar o acesso do material durante a pesquisa.

A segunda fase da metodologia de Bardin, intitulada “a exploração do material”, corresponde à definição das categorias. Já com o corpus delimitado foi a vez de pensar as temáticas principais que norteariam as análises. Como dito anteriormente, por representar momentos históricos distintos, cada mês escolhido se comportaria de um jeito, sendo necessário analisar cada um dos três separadamente, mas seguindo a mesma opção do

conjunto das categorias, para que ao final da análise pudesse ter um nível de comparação final desejável.

Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. (...) A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (BARDIN, 2011, p.148).

O critério de categorização escolhido para nortear a análise desta pesquisa foi a criação por categorias temáticas. O processo de escolha destas categorias passou por modificações ao longo das leituras das crônicas, até que todos os três períodos estivessem contemplados, em um único sistema.

Após fazer a leitura flutuante das crônicas foi, então, realizada uma segunda leitura mais crítica, a fim de pensar em possíveis categorias. Palavras-chave e expressões foram surgindo para uma classificação inicial, sendo elas: política, povo, inflação, contra governo Jango, a favor do governo militar, descontentamento, nostalgia, ironia, crítica negativa, literatura, desânimo e contra governo militar.

O uso de ironias e metáforas foi muito recorrente nas crônicas, mas a pesquisa considerou que estes não se enquadrariam em uma categoria. Ainda que não pudessem ser consideradas categorias temáticas, as ironias e metáforas não poderiam ser ignoradas, portanto, serão comentadas no processo de análise narrativa mais a frente.

Com a seleção das palavras-chave pudemos criar as categorias e sub-categorias. Inicialmente optou-se pela seguinte classificação:

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA
POLÍTICA	Porta-voz do povo
	Contra governo Jango
	Favorável ao regime militar
	Descontentamento geral (de acordo com a situação que a temática da crônica aborda)
	Crítica ao governo militar
CIDADE	Memória
	Descrição (de um cenário e/ou situação)
	Análise (seja do campo literário em geral,

LITERATURA	como de publicações específicas)
	Divulgação (de obras para leitura)

A partir desta proposta de categorização foram feitas algumas mudanças para a melhoria das temáticas. A primeira delas foi padronizar as subcategorias de Política, adicionando o antecedente “porta-voz” a todos os subtemas: porta-voz do povo, porta-voz do golpe, porta-voz do regime e porta-voz do descontentamento, evidenciando as mudanças no local de fala da cronista, em estratégias narrativas, levando em conta determinados contextos políticos.

A segunda alteração foi unir a antiga subcategoria “crítica ao governo militar” à “porta-voz do descontentamento”. Inicialmente, a crítica ao governo militar correspondia apenas às crônicas que falassem mal explicitamente dos militares. De certa forma, mesmo que o descontentamento seja uma crítica indireta ainda é uma crítica ao governo, e deixando separadas essas subcategorias teríamos um resultado irreal, com uma quantitativa muito pequena à “crítica ao governo militar” e muito grande quando fizesse referência ao descontentamento, o que seria uma distorção no resultado final.

A terceira modificação foi identificar dois momentos distintos para a subcategoria “porta-voz do descontentamento”, sendo eles: crítica e desânimo. Ora a cronista assume um tom de crítica ao governo, ora ela vai fazer um texto mais desanimador, pessimista. Essa subdivisão foi feita para especificar melhor, para refinar a análise, pois a subcategoria estava ficando muito ampla. Entretanto, para a contagem final será possível somar os resultados da “porta-voz do descontentamento/crítica” com a “porta-voz do descontentamento/desânimo”, para efeitos de comparação entre os meses, na análise final.

Essa soma será possível, pois mesmo usando o tom de desânimo, Cosette não está feliz com a situação que descreve. A crítica mais contundente e o olhar pessimista são duas faces de um mesmo descontentamento com o governo. Por isso, trata-se de uma mesma subcategoria geral, com a marcação de escolhas diferentes no tom da cronista.

A quarta e última mudança se deu com o surgimento da subcategoria “porta-voz do contexto internacional”. Essa nova subcategoria foi criada perante a necessidade de caracterizar certas crônicas presentes em 1967 e 1968, referentes ao cenário internacional, que não se encaixavam nas categorias já existentes. Com isso, estudou-se a viabilidade de criação de uma nova subcategoria que pudesse englobar essas crônicas específicas, o que resultou na “porta-voz do contexto internacional”.

Antes de aplicar a análise categorial é preciso explicar o que cada temática propõe selecionar. Segue abaixo a tabela final com a escolha das temáticas e em seguida a explicação do que cada subcategoria representa para a análise, que será feita a seguir.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA
POLÍTICA	Porta-voz do povo
	Porta-voz do golpe
	Porta-voz do regime
	Porta-voz do descontentamento/crítica
	Porta-voz do descontentamento/desânimo
	Porta-voz do contexto internacional
CIDADE	Memória
	Descrição (de um cenário e/ou situação)
LITERATURA	Análise (seja do campo literário em geral, como de publicações específicas)
	Divulgação (de obras para leitura)

É importante ressaltar a dificuldade de analisar as crônicas de Cosette, porque a linha editorial da coluna não se manteve a mesma, foi mudando conforme a política nacional ia se moldando ao novo regime.

O local de fala da cronista também vai mudando, ora é porta-voz do povo, ora do regime, etc. E ela – como a pesquisa vem mostrando – teve uma narrativa que mudou de um período para o outro, o que nos permite dizer que temos três fases de Cosette: uma a favor dos militares, outra contra o regime e uma terceira mais marcada pelo silenciamento no comentário político, que foi substituído por temáticas mais neutras e críticas mais veladas.

Dentro da categoria política encontramos quatro subcategorias (lembrando que “porta-voz do descontentamento” aparece em tom de crítica ou em tom de desânimo) que serão explicadas em tópicos abaixo:

- Porta-voz do povo: essa subcategoria aborda todas as falas da cronista em prol da população. Espaço em que Cosette não apenas faz pedidos em nome do povo, como também fala em nome do mesmo – seja para posicionar-se contra ou a favor do governo (dependendo de cada contexto).

- Porta-voz do golpe: Esta temática engloba o apoio que a cronista deu durante a deflagração do golpe militar de 64 e também todas as críticas referentes ao governo Jango. A pesquisa concluiu que toda e qualquer menção negativa ao governo de João Goulart, automaticamente, seria uma referência ao apoio dado na tomada de poder dos militares.

- Porta-voz do regime: Com o golpe consolidado, Cosette escreve crônicas que demonstram sua satisfação com o novo regime.

- Porta-voz do descontentamento / (crítica): Este espaço foi reservado para todo momento em que Cosette demonstra insatisfação com o governo – seja ele militar ou não. É a crítica ao sistema atual, ao governo, à inflação, ao subdesenvolvimento do país, dentre outros descontentamentos que serão apontados e analisados a seguir.

- Porta-voz do descontentamento / (desânimo): Cosette continua descontente com o cenário político que descreve. A diferença é que, neste espaço, a mensagem que ela transmite é mais pessimista e desanimadora em relação ao que está sendo vivido naquele momento. A cronista utiliza um tom de descrença nesta subcategoria.

- Porta-voz do contexto internacional: foi identificado que Cosette assumiu o ponto de vista norte-americano em algumas de suas crônicas no contexto da Guerra Fria, principalmente no que se dizia respeito à corrida espacial, onde EUA e URSS travaram uma disputa muito grande no que se refere aos avanços espaciais, e Cosette abre espaço aos avanços dos Estados Unidos nesta área.

Partindo para a categoria Cidade, encontramos duas subcategorias:

- Memória: Regaste dos momentos vividos e sensações sentidas. Nessa subcategoria encontramos rastros de saudade e nostalgia da cronista.

- Descrição: Este espaço foi destinado para as crônicas que descrevem o cenário de uma cidade ou uma situação em um determinado cenário.

Por fim, em Literatura temos as seguintes subdivisões:

- Análise: Cosette analisa obras literárias específicas ou até mesmo o campo literário da época.

- Divulgação: Espaço destinado à divulgação para leitura que a cronista faz de obras publicadas ou prestes a publicar.

Depois de selecionadas e explicadas as categorias, chegou a vez de identificar quais foram as temáticas mais recorrentes. Passemos ao terceiro pólo cronológico da metodologia de Bardin: o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A partir de agora faremos a verificação e aplicação da metodologia nas crônicas do “Canto de Página”, respeitando cada mês analisado separadamente, como já foi dito.

4.2 PORTA VOZ DO GOLPE – 1964

O primeiro mês a ser analisado foi abril de 1964. Com um total de 24 crônicas publicadas nesse mês, a maioria voltada para “política”, com 21 aparições nessa categoria. Em “cidade” tivemos 3 e apenas 1 em “literatura”. Vale ressaltar que em alguns casos, durante as análises dos três meses, as crônicas podem apresentar mais de uma temática no mesmo texto. Neste caso, em abril de 64, isso ocorreu apenas uma vez, na crônica intitulada “Ouro Preto”, do dia 24, em que apresentava duas categorias: “política” e “cidade”.

Seguem abaixo as tabelas de cada temática com o balanço da frequência de aparecimento nas subcategorias.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
POLÍTICA	Porta-voz do povo	8
	Porta-voz do golpe	11
	Porta-voz do regime	12
	Porta-voz do descontentamento	Crítica: 7 Desânimo: 0
	Porta-voz do contexto internacional	0

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
CIDADE	Memória	3
	Descrição	1
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
LITERATURA	Análise	1
	Divulgação	1

Ao observar as ocorrências na categoria “política”, podemos concluir que em abril de 64 predomina um tom totalmente favorável ao regime militar tanto quanto críticas diretas e frequentes ao governo Jango. Cosette segue a linha editorial do jornal e, como formadora de

opinião, direciona seus leitores a uma oposição explícita a João Goulart na mesma medida em que santifica a ação dos militares, mantendo seu apoio mesmo quando ações mais duras eram tomadas, como podemos notar no exemplo a seguir.

“A Revolução tinha que limpar o terreno: meteu a foice, cortou joio, mas cortou também trigo”¹⁸. Cosette tinha o hábito de justificar as ações militares com metáforas, como neste trecho retirado da crônica “O Outro Lado”. A cronista mantinha o argumento de que qualquer que fosse a injustiça cometida em nome da revolução, era algo necessário em prol do que era considerado o bem maior.

Pesquisando o contexto dessa época, especificamente na semana em que Cosette publicou a crônica “O Outro Lado”, o jornal Folha de São Paulo exhibe a manchete: “Mais 72 não tem direitos políticos”¹⁹, no dia 15 de abril de 64. A matéria explica que o Comando Supremo da Revolução, valendo-se ainda de dispositivos do Ato Institucional Número Um, havia assinado no dia anterior a transferência para a reserva de mais sete oficiais do Exército e suspendeu os direitos políticos de mais 72 pessoas, entre as quais diversas estavam ligadas ao governo do ex-presidente João Goulart. A lista de cassação dos direitos políticos de cidadãos crescia, o que nos faz cogitar esta como uma das ações que Cosette considerava inevitável para a “limpeza do terreno”, ao mesmo tempo em que tinha ciência de que seus meios eram extremos, onde fazemos a alusão a “cortar também o trigo”.

O próprio “Diário Mercantil” publicou uma matéria, no dia 14 de abril, sobre a limpeza no governo que estava sendo feita pelos militares. A matéria foi intitulada: “Limpeza em alta escala nos órgãos subordinados ao governo federal” (ANEXO D).

As metáforas “limpar o terreno” (referente à crônica “O Outro Lado”) e “reagentes violentos” (presente na crônica “Futuro”, do dia 15 de abril) são exemplos claros do apoio que a cronista deu aos militares, defendendo suas ações e justificando seus métodos. Para este segundo caso, Cosette referia-se ao governo Jango “comunista” como uma sujeira que deveria ser limpa a todo custo, sendo “razoável o uso de reagentes violentos” devido ao fato da “casa”, vulgo Brasil, ter andado muito “suja”, termo usado para remeter ao governo de Goulart.

Durante o estudo das crônicas de Cosette de Alencar na época da ditadura, uma das maiores dificuldades desta pesquisa foi contextualizar o cenário daquele período,

¹⁸ Trecho da crônica “O Outro Lado”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 17 de abril de 1964.

¹⁹ Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1964/04/15/2//4424641>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

sugerindo impressões e possíveis relações que a cronista poderia estar adotando em seus textos. Afirmar exatamente o que a autora quis dizer em suas metáforas é inviável, e podemos até mesmo dizer impossível, tendo em vista que já se passaram 52 anos desde sua escrita e o contexto em que vivemos atualmente é totalmente diferente daquele que estava sendo vivenciado na época. Portanto, os leitores de hoje não possuem a mesma interpretação de texto dos que puderam ler as crônicas naquela época. Com isso a análise fica mais trabalhosa, pois o que fazemos é buscar cada detalhe e informação disponíveis do que estava acontecendo para gerar correlação com os temas tratados nas crônicas, além de fazer possíveis suposições sobre o significado por trás do uso de comentários irônicos, metafóricos e sarcásticos – ferramentas narrativas muito recorrentes nos materiais analisados. Aliás, a intenção do autor, a partir do que nos ensina MOTTA (2013), mesmo quando o texto é contemporâneo, não é sozinha garantia de nada, porque a narrativa se completa na fruição de quem lê a obra, em seu repertório, em sua vivência.

Dando prosseguimento às análises, durante todo o mês de abril de 1964, Cosette mantém seu tom de voz firme e deixa clara o que podemos aqui supor como suas intenções à época – sendo elas para falar mal de Jango, a favor do golpe e até mesmo quando demonstra seu descontentamento com os governantes. Nota-se que em abril não encontramos crônicas na subcategoria descontentamento/desânimo. Todas as sete vezes que Cosette vai se mostrar descontente com a forma de governo do período, ela faz uso de um tom enérgico e totalmente crítico. Como podemos notar na crônica “Dois Políticos”, publicada no dia 7 de abril de 1964.

Pensam os políticos que o povo ainda aguentará mais sua inoperância, seu egoísmo, sua eterna ambição, seu alheamento aos verdadeiros interesses da coletividade. Não sabem os políticos que é que pensa deles, de fato, o povo? (...) ou arripiam caminho e passam a agir como deles se espera ou tratem de ir desocupando o lugar, pois a isto serão reduzidos em tempo que se avizinha. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Dois Políticos”, de Cosette de Alencar, 7/4/64).

Este trecho da crônica “Dois Políticos” marca o descontentamento da cronista diante da falta de ações do governo, que se mantinha alheio aos “verdadeiros interesses da coletividade”. Contextualizando este período, o cargo da Presidência estava ainda desocupado, as melhorias que eram esperadas com o novo regime não tinham dado as caras e um clima pessimista se espalhava entre a população.

Logo após enfatizar sua crítica e descontentamento com a situação política do país, Cosette assume o papel de porta-voz do povo, onde afirma que o mesmo é dotado de inteligência e “não tolerará mais a sistemática e nociva inoperância dos que lhe esmolaram o

voto prometendo e não cumprindo coisa alguma do que prometeram”²⁰. Nota-se que até mesmo durante sua fala em prol do povo a cronista assume um tom mais intenso e voraz.

Outro exemplo dessa vivacidade da cronista encontra-se na crônica “Tem que ser já”, publicada no dia 9 de abril de 1964. O próprio título já traduz o tom firme que Cosette adotou durante este mês. Já nas primeiras linhas encontramos o descontentamento crítico com a política: “Ou saem agora as reformas ou vamos ter outro rebolado (...)”. A própria cronista contextualiza o cenário da época em seu texto: “a situação nacional é má no sentido econômico, é péssima no setor da produção e mais do que periclitante no setor do desenvolvimento”²¹. Diante de todo este descontentamento, Cosette novamente dedica um espaço para pedir em nome do povo, falando em questões de saúde, segurança, educação e tudo aquilo que “torna a vida digna de ser vivida”.

Com esta assombrosa natalidade nacional, bocas estão aparecendo todos os dias para pedir comida, para pedir roupa, para pedir teto, para pedir hospitais, escolas, diversão, tudo que torna a vida digna de ser vivida. E já não se contenta a população com o padrão miserável de vida a que estão obrigados os menos favorecidos pela sorte. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Tem que ser já”, de Cosette de Alencar, 9/4/64).

Apesar do notável descontentamento com a política nacional, Cosette foi porta-voz do regime militar durante todo o mês de abril de 64. A última publicação feita no mês, por exemplo, continuava defendendo o regime.

Datada em 30 de abril, a crônica intitulada “Agora” aborda o que ela chamou de revolução, que com quase um mês de idade, deveria dar por encerrada a “fase da limpeza” e iniciar as reformas. Segundo Cosette, a Revolução estava madura para “dar sua verdadeira dimensão”. Ainda nesta crônica, Cosette defende mais diretamente o regime: “(...) a Revolução não acabou com os direitos de ninguém e justamente para assegurá-los a todo mundo é que foi feita”²². Importante frisar que cronista não usava o termo “golpe”, mas sim “revolução”.

Outro forte exemplo que justifica o local de fala da cronista favorável ao governo militar encontra-se no trecho a seguir, retirado da crônica “Um Ingrato”, publicada na edição dos dias 19 e 20 (domingo e segunda):

²⁰ Trecho da crônica “Dois Políticos”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 07 de abril de 1964.

²¹ Trecho da crônica “Tem que ser já”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 09 de abril de 1964.

²² Trecho da crônica “Agora”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 30 de abril de 1964.

Este não é o momento para ridicularizarmos nossos soldados, que tão bem se houveram na defesa do que nos é tão caro. Justamente, este é o momento para reconhecermos o bonito papel representado pelos militares do País, em quem pudemos confiar, plenamente, mais uma vez. (...) Se ainda somos livres, a quem o agradeceremos? Povos mais adiantados têm caído na escravidão e na ditadura. E foi para livrar-nos disso que nossos soldados se moveram. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Um Ingrato”, de Cosette de Alencar, 19e20/4/64).

Com um total de 12 crônicas, a subcategoria “porta-voz do regime” foi a mais recorrente. Como já explicado nesta pesquisa, o apoio de Cosette neste período se espelhou na linha editorial do jornal, com isso, durante a análise de abril de 1964 encontramos diversas expressões de defesa ao regime espalhadas pelas publicações. Como por exemplo, quando Cosette diz que “está ganha, agora, a batalha da democracia” na crônica “Inteligência” da edição de domingo/segunda referente aos dias 5 e 6 de abril. Ou mesmo na edição dos dias 12 e 13, intitulada “Importante é viver”, onde a cronista fala que “foi mesmo uma revolução justa e oportuna a que desencadeou o governador Magalhães Pinto aliado aos soldados do Brasil e convocando, em hora premente, todos os brasileiros”.

No sábado, dia 25 de abril, foi publicada “Explicação desnecessária”, que ao mesmo tempo em que defendeu novamente o regime, se comportou também como porta-voz do golpe, ao caracterizar o governo anterior, de João Goulart, como “governo insubmisso à Constituição”.

A subcategoria “porta-voz do golpe” foi a segunda mais presente na análise categorial das crônicas de abril. Com 11 aparições, Cosette não conteve suas palavras ao falar mal do governo de Goulart. A cronista repudiava e escrevia explicitamente sua aversão a Jango, como podemos conferir no trecho abaixo.

Força é reconhecer que o governo do doutor Goulart tem sido medíocre em todos os sentidos, mas nada prenunciava que o jovem presidente fosse enveredar por rumos suspeitos. (...) E neste ponto estamos nós, mas o que tudo ensombrece é a dúvida que o comportamento do Presidente começa a inspirar, de modo inegável, ao povo que lutou para lhe dar o poder maior: é de fato, o doutor Goulart um declarado simpatizante do credo vermelho? Deseja ele, realmente, comunizar o País? (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “S. Exa., O Povo”, de Cosette de Alencar, 1/4/64).

Termos como “investida vermelha”, “perigo vermelho” e “comunismo” foram constantes nesta subcategoria. Além disso, o uso de metáforas também esteve muito presente em “porta-voz do golpe” ao falar do governo de João Goulart. Na crônica “Malhar o ferro”, do dia 4 de abril, nota-se uma acidez por parte de Cosette ao publicar que “um vento cívico varreu certo lixo há muito amontado pelos desvãos da nacionalidade (...). Havia um germe de desordem, anulou-se de seu foco”. A cronista usa os termos “certo lixo” e “germe de

desordem” como metáforas sobre o governo de Jango, e “vento cívico” fazendo referência à investida dos militares que resultou no afastamento do então ex-presidente.

Voltando à crônica “S. Exa., O Povo”, do dia primeiro de abril, Goulart foi comparado à “louça fina que as donas de casa gostam de ter em seus armários”. Essa metáfora foi utilizada como uma crítica à ascensão de Jango na Presidência após renúncia súbita de Jânio Quadros. Segundo Cosette, para a presidência não havia sido escolhido João Goulart, sua atuação como vice deveria ser apenas um status, por isso fez alusão à louça fina das donas de casa: apesar de tê-la em seu armário, sabem que nunca terão oportunidade de usá-la, e assim, como defende a crônica, deveria ser com Jango, não chegar a ter oportunidade de governar em momento algum.

Assim como a metáfora, o sarcasmo também está presente em algumas das publicações, uma delas se encontra em “Os rabiscos do Presidente”, crônica do dia 14 de abril que trouxe a descoberta de que o bloco de notas, usado pelo ex-presidente João Goulart nas suas reuniões com os ministros, havia sido encontrado e nele não continha nota alguma das discussões, mas sim rabiscos com o nome da esposa. Durante toda a crônica Cosette reafirmou sua antipatia a Jango e para a finalização de seu texto optou por afirmar que até o momento o povo votava com o coração, mas diante de fatos como esse, era necessário fazer uso da cabeça nas próximas eleições. Contudo, a cronista não fez uso dessas palavras diretas, mas sim de sua refinada ironia e sarcasmo, como podemos observar a seguir.

Daqui para frente deverão votar com a cabeça, ou no caso de não proverem este apêndice do organismo humano, deverão recorrer à cabeça mais próxima, até mesmo à do vizinho da esquina, se ficar comprovado que este disponha de razoável órgão pensante. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Os rabiscos do Presidente”, de Cosette de Alencar, 14/4/64).

A opção de uso desses recursos na narrativa não se deu apenas em “política”. Na categoria “cidade”, Cosette também recorreu à metáfora em sua crônica “Várias”, do dia 29 de abril. Ao publicar “amanhecemos com uma névoa fina a envolver-nos tudo, inclusive nós mesmos”, a cronista refere-se à situação embaçada daquele momento. Mesmo dentro da subcategoria “memória” ela fez uso de algumas imagens metafóricas.

As outras duas aparições da categoria “cidade” (subcategoria “memória”) carregaram apenas valores nostálgicos às crônicas, sem recorrer a ironias e metáforas. A subcategoria “descrição” apareceu apenas uma vez em abril de 64, na crônica “Ouro Preto”, do dia 24, onde Cosette literalmente descreve o cenário das ruas desta cidade que lhe trouxe

recordações: “até hoje revejo as ladeiras tortuosas, as lajes imensas das calçadas, o risco suntuoso das igrejas, chafarizes e oratórios, as fachadas claras das casas centenárias (...).”

Finalizando as análises deste mês, a categoria “literatura” marcou presença em apenas uma crônica: “Os tempos e a arte”, do dia 08 de abril. Revelando-se nas duas subcategorias, “análise” e “divulgação”, a crônica analisa o cenário conturbado também para a área das artes e literatura no âmbito nacional. Para a cronista, o “sentimento de correspondência entre o autor e seu público” estava em falta. Em seguida, declara votos de que tudo melhore neste campo literário. Cosette finaliza informando sobre publicações que estavam por vir, citando nomes de escritores e divulgando suas respectivas obras. A subcategoria “porta-voz do contexto internacional” não contém aparições neste mês.

Podemos concluir sobre abril de 1964 que foi um mês fortemente político em suas publicações, priorizando o local de fala contra o governo de João Goulart, e conseqüentemente, a favor do golpe militar. Com a permanência de um tom firme, Cosette se manteve ativa nas críticas perante a situação da política nacional e resistente no que pontuou em seus textos como defesa dos interesses do povo. No geral, podemos considerar que as crônicas de abril foram enérgicas, de acordo com cada tema abordado. A ausência de desânimo nas palavras traduziu o espírito de esperança e confiança com o novo regime, sentimentos estes que não mais se ostentariam em 1967, como veremos a seguir.

4.3 CRÔNICAS DO DESCONTENTAMENTO – 1967

A análise das crônicas de abril de 1967 traz uma mudança na postura do cronismo de Cosette, em relação ao regime militar, na coluna “Canto de Página”. Isso se confirma na análise categorial, mais especificamente em “política”, onde das 24 crônicas publicadas, 20 se encaixaram nesta temática, sendo 18 delas referentes à subcategoria “porta-voz do descontentamento” (15 escritas com o tom de crítica e 3 de desânimo). Nenhuma crônica se comportou como “porta-voz do golpe” nem “porta-voz do regime”, reforçando a nova postura editorial de Cosette em sua coluna. A subcategoria “porta-voz do contexto internacional” aparece com 2 crônicas.

Na categoria “cidade” encontramos 4 crônicas, sendo que duas delas aparecem em “memória” e outras duas em “descrição”. A categoria “literatura” também apresentou um total de 4 crônicas, sendo as quatro se comportando na subcategoria “análise” e três delas também em “divulgação”.

Seguem abaixo as tabelas referentes ao mês de abril de 1967, constando a frequência de crônicas nas subcategorias:

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
POLÍTICA	Porta-voz do povo	3
	Porta-voz do golpe	0
	Porta-voz do regime	0
	Porta-voz do descontentamento	Crítica: 15 Desânimo: 3
	Porta-voz do contexto internacional	2

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
CIDADE	Memória	2
	Descrição	2

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
LITERATURA	Análise	4
	Divulgação	3

Abril de 1967 marca a virada em relação ao apoio aos militares nas crônicas de Cosette de Alencar. A ausência de crônicas neste mês que se comportassem como “porta-voz do golpe” e “porta-voz do regime” confirma a mudança de postura e local de fala da cronista. O número de crônicas sobre o descontentamento com o governo em abril de 67 aumentou o dobro se comparado a abril de 64. O tom mais agressivo contra o governo também se fez presente neste mês analisado, como podemos observar a seguir:

Agora, o que quase sempre vemos sob governos de carregação, governantes improvisados, os melhores dos quais suam a camisa para corporificar suas boas intenções, não conseguindo em geral senão resultados muito medíocres. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Nossa Capital”, de Cosette de Alencar, 23 e 24/4/67).

Além de falar que os resultados do governo militar estavam sendo medíocres, nesta mesma crônica Cosette faz uso de ironia: “Até agora, a gente só sabe que o governo mudou por ter visto, nos jornais, a reviravolta de nomes: e há naturalmente, também a mudança dos clichês”. Com a inflação ainda presente neste contexto, Cosette mantém sua postura de ataque ao governo, e tendo sido realizada a troca de gestão no país e nada se alterar positivamente, a cronista ironiza falando que se não fosse pela notícia nos jornais não daria para perceber a mudança administrativa realizada.

Ainda que tenha aumentado o descontentamento e crítica direta ao regime militar, a repressão por parte do governo já vinha sendo feita, como a própria cronista escreve em sua coluna no dia 11 de abril: “sem falar no olho duro da linha vigilante que não tira um cochilo desde março de 64... A coisa, agora, é de lascar”²³.

Apesar disso, a liberdade da cronista ainda não havia sido totalmente censurada. Podemos supor isto ao encontrar um uso frequente de sarcasmo e ironias quando ela se comporta como porta-voz deste descontentamento, principalmente quando se remete ao subdesenvolvimento do país.

Em 8 de abril, por exemplo, ao iniciar a crônica afirmando que tudo referente ao Brasil se torna piada no estrangeiro, Cosette sugere a criação de um instituto qualquer para acabar com o subdesenvolvimento do país. Sarcasticamente, a cronista publica:

Como se sabe, criar um Instituto, para isto ou aquilo, tem sido, entre nós, o melhor meio de dar sumiço a isto ou aquilo. Haja visto o que sucedeu ao nosso café, ao livro nacional, e agora ao próprio açúcar: ganharam instituto, desapareceram da circulação. Existir, existem ainda, mas tornaram-se inacessíveis. Um Instituto do Subdesenvolvimento seria receita infalível para promover nosso desenvolvimento. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Fim de Lona”, de Cosette de Alencar, 8/4/67).

Quatro dias depois, ao escrever sobre o imposto de renda, Cosette novamente faz uso de sarcasmo ao mesmo tempo em que lança sua crítica: “Na extinta classe média, hoje miserável, mesmo em Minas, todo mundo paga suas taxas, e a tempo e a hora. (...) Pode não comer mas paga seus impostos”²⁴. Nota-se que ao mesmo tempo em que critica o governo pela pobreza e desatenção com o povo, a cronista ironiza usando as expressões “extinta classe média, hoje miserável” e “pode não comer mas paga seus impostos”. O uso irônico nesta

²³ Trecho da crônica “Parêntesis”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 11 de abril de 1967.

²⁴ Trecho da crônica “Por amor ao Brasil”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 12 de abril de 1967.

crônica é como uma forma de alfinetar os governantes, que estavam fracassando com a população.

Cosette não apenas se mostrou descontente com a administração nacional, como também com a local. Ao criticar certas obras inacabadas na cidade de Juiz de Fora, na crônica “Bilhete”, publicada na edição dos dias 16 e 17 de abril, Cosette debocha dizendo ser “provável que saiam quando se tornarem menos úteis”.

Em alguns momentos, a cronista deixa os sarcasmos de lado e direciona mais intensamente sua crítica com o descontentamento. A inflação era uma das maiores preocupações deste período, como notamos no exemplo abaixo:

O que se está vendo é que, o que veio atrás dele, até agora, não conseguiu fazer os preços caírem. Continuam subindo tranquilamente, e todos os dias. Como é este o ponto nevrálgico da crise nacional e o que mais de perto interessa ao povo, não vai demorar a aparecerem queixas e reclamações ácidas. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Coisas”, de Cosette de Alencar, 13/4/67).

Neste mês, a subcategoria “porta-voz do descontentamento” apresentou três aparições na subdivisão “desânimo”. Em meio a tantos descontentamentos, Cosette começa a expressar desânimo e desmotivação durante esse contexto. O primeiro deles foi na crônica “Loucura abençoada”, no dia 19 de abril, onde melancolicamente a cronista publica que “relancear os olhos pela paisagem geral é encontrar motivo de tristeza certa”.

Em meio a um período conturbado e de constantes mudanças na administração do governo, que pouco ou nada faziam para o crescimento do país, Cosette vai perdendo seu tom duro e um ar de desesperança vai tomando conta de suas palavras. Outro exemplo se deu na crônica do dia 22, intitulada “21 de abril”, em que a cronista inicia seu texto falando que o espírito de Tiradentes ausentou-se da Nação.

Líder da inconfidência mineira e considerado herói nacional, Tiradentes lutou pela independência do Brasil num período em que nosso país sofria o domínio e a exploração de Portugal. O Brasil não tinha uma constituição e o povo sofria com os altos impostos cobrados pela metrópole. Relacionando esse momento histórico com o que estava sendo vivenciado em abril de 1967, encontramos um país que sofria o domínio dos militares e o povo sofrendo com a crescente inflação. Ao falar de Tiradentes nesta época, desesperançosa, Cosette escreve que não entende o motivo para a comemoração da data 21 de abril, lembrando a morte de Tiradentes, já que “igualmente mortas estão suas idéias, pior que mortas: ridicularizadas”²⁵.

²⁵ Trecho da crônica “21 de abril”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 22 de abril de 1967.

Ao ler esta crônica é notável o descontentamento de Cosette sendo levado por uma onda de abatimento e até mesmo um ar de derrota. O governo atual já não mais demonstrava segurança, pelo contrário, com o passar dos dias e meses a ditadura se endurecia cada vez mais e ações mais rígidas iam surgindo no decorrer deste período. Ainda na crônica “21 de abril” vale destacar o seguinte trecho:

É ver os nomes que estão em pauta e convencer-mo-nos de que a palavra renovação não tem sentido na vida política do País. Estes nomes são os mesmos que, há trinta anos, e até mais, povoam, e assombram, não apenas as colunas políticas mas a alta administração nacional. (...) Vejo que morro antes de ver saneada a área da alta administração e, no fundo, isto já quase não me importa. O País que se arranje, não é isto mesmo que seus donos desejam? (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “21 de abril”, de Cosette de Alencar, 22/4/67).

Ainda que com uma frequência menor, Cosette também se comporta como “porta-voz do povo” em abril de 67. A autora toma a palavra como se falasse em nome do povo que, segundo ela, já sentia irritada apatia pelos governantes, e pede pelo direito que lhes é indispensável: “de comer, de morar, de vestir, de fazer seu pé de meia para as inevitáveis horas negras”²⁶.

Este mês marca um constante estresse da cronista, que podemos identificar através de suas palavras e levando em conta o contexto em que tais crônicas estavam sendo publicadas. A irritação de Cosette não apenas se fez presente nas crônicas do descontentamento, até mesmo em porta-voz do povo conseguimos identificar uma exaustão e impaciência, como podemos observar em “Demagógico”, publicada em 5 de abril.

O que não se pode negar é que o povo, seja democrático ou não o regime do país, está no último furo de sua resistência. Há muito idiota por aí que pensa ser exagerado dizer-se que o povo morre de fome, pois para tais cegos, morte de fome é fenômeno crucial com encenação específica: requer esqueletos estrebuchando nas sargetas, parte indispensável do drama. A fome do desnutrido, do anêmico, do desprovido de proteínas e vitaminas, a fome crônica, esta não conta: apenas mata da mesma forma. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Demagógico”, de Cosette de Alencar, 5/4/67).

Finalizando a análise das subcategorias de “política”, em abril de 67 vemos o aparecimento de “porta-voz do contexto internacional”. Em “Pobre herói”, do dia 26, identificamos que a cronista escreve levando em conta o contexto da Guerra Fria. “Alargar as fronteiras do mundo quando nos aproximamos da certeza de que ele, o mundo, está ficando insuficiente para a expansão da humanidade (...)”. Cosette fala deste mundo que está se

²⁶Trecho da crônica “Populorum Progressio”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 02 e 03 de abril de 1967.

separando, ainda nesta crônica chega a citar os russos, e o tempo todo remete aos avanços das conquistas espaciais. A luta pela hegemonia entre Estados Unidos e União Soviética ganhou espaço na coluna de Cosette de Alencar em 67 e também em 68, como veremos na próxima análise.

Na categoria “cidade” encontramos um exemplo que, em um primeiro momento, trouxe dúvidas quanto à sua categorização. Ao citar Castelo Branco na crônica “Castelo em Minas”, publicada no dia 28 de abril, a princípio foi cogitado ser uma referência política, tendo em vista que se tratava de um ex-presidente do Brasil, mas ao reler o texto foi identificado que se tratava de memória. Castelo estava visitando a cidade de Belo Horizonte e com isso a cronista declara que é prima dele, em seguida fala do pai e da família. Cosette está contando sua relação de parentesco e recordando acontecimentos, ela não está nem elogiando o governo nem criticando. Devido a esse fato concluiu-se que a crônica se enquadrava melhor na categoria “cidade”, dentro da subcategoria “memória”.

Os outros três exemplos desta categoria foram mais tranquilos de identificar, sendo eles notáveis memórias e descrições das cidades (fala do Rio de Janeiro, Juiz de Fora e generaliza as cidades do Sul do Brasil), como podem ser observados no Apêndice E, assim como as quatro crônicas que representam a categoria “literatura”. Com aparição em quatro momentos distintos, segue a característica de se comportar ora como uma análise de determinada obra, ora como divulgação de publicações. Em abril de 67 o número de crônicas relacionadas à “literatura” aumentou, se comparado a abril de 1964.

A análise geral desse mês marcou a ausência de apoio aos militares e intensificou o descontentamento com o governo em sua coluna. O tom de Cosette passou a ser mais irritado e impaciente, em relação aos acontecimentos que retratava em seus textos. O desânimo começa a se manifestar neste momento, marcando o surgimento de uma desesperança em relação ao governo que a partir daí se intensificaria cada vez mais.

4.4 RESENHAS LITERÁRIAS PÓS AI5 – 1968

Em dezembro de 1968 o número de crônicas publicadas caiu consideravelmente. Ao todo foram 10 publicações da coluna “Canto de Página” no jornal, sendo que 6 delas abordaram a categoria “política”, 2 falaram de “cidade” e as outras 2 sobre “literatura”.

A análise deste mês tem por objetivo principal identificar se houve mesmo um silenciamento do “Canto de Página”, por conta da instauração do AI-5. Como vimos anteriormente, a mudança na posição da coluna dentro do jornal, saindo da página 2, de

caráter político, para a página 5, de cultura, já é um fator influente para que possamos afirmar a hipótese. Dessa forma, passamos às análises de conteúdo das crônicas de dezembro de 1968.

Por ser o principal mês desta pesquisa e também o que teve menos crônicas publicadas, optou-se por fazer uma análise cronológica. Ou seja, ao invés de analisar pelos blocos de subcategorias, como foi feito com abril de 64 e abril de 67, serão analisadas todas as crônicas por ordem de publicação. Segue abaixo as tabelas com o balanço da frequência de aparecimento nas subcategorias.

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
POLÍTICA	Porta-voz do povo	0
	Porta-voz do golpe	0
	Porta-voz do regime	0
	Porta-voz do descontentamento	Crítica: 2 Desânimo: 2
	Porta-voz do contexto internacional	3

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
CIDADE	Memória	0
	Descrição	2
CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DAS CRÔNICAS
LITERATURA	Análise	2
	Divulgação	1

Antes de falar de cada crônica devemos ressaltar a ausência das subcategorias “porta-voz do povo”, “porta-voz do golpe” e “porta-voz do regime”. Cosette não mais critica diretamente o governo, não pede em nome do povo e não demonstra apoio às ações dos militares. A ausência de crônicas nessas subcategorias e, até mesmo o número reduzido de publicações da coluna nesse mês, reafirmam o contexto de censura da época.

A primeira publicação do mês aconteceu em 4 de dezembro, com a crônica “Cultura – Ontem e Hoje”. Nela, a cronista se comporta como “porta-voz do contexto internacional” e, ao mesmo tempo, faz críticas explícitas à crescente influência norte-americana no Brasil. Inclusive, retoma um termo que ficou conhecido no momento da deflagração do golpe de 64: ao falar em “tio Sam”, Cosette está aludindo à operação “Brother Sam”, que tinha por objetivo realizar o deslocamento da frota da Marinha norte-americana para o litoral brasileiro a fim de conter qualquer tipo de resistência do governo deposto. Contudo, as tropas não chegariam a tempo de conter algo imediatamente servindo, portanto, mais como uma intimidação para qualquer tipo de reação da oposição, e caso ela de fato ocorresse, aí sim realizar o apoio norte-americano aos militares brasileiros.

Se a influência civilizadora da “douce France” ainda por aqui se faz sentir, será de maneira espasmódica. Nosso espelho atual é Tio Sam. Os resultados disso estão aí mesmo. A área de alfabetização terá aqui se dilatado mas não se aprofundou. Os conhecimentos passaram a ser noções epidérmicas, colhidas pelo sistema do “reader’s digest”. E neste momento, o grande instrumento pedagógico é o aparelho de televisão, com o peso catastrófico de sua falsa ciência e o impacto vulgarizador de sua cultura de bolso. Um negócio. (...) Houve uma distorção no rumo da nossa civilização. Para melhor? Não o creio. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Cultura – Ontem e Hoje”, de Cosette de Alencar, 4/12/68).

O que podemos analisar a partir desta crônica é que o paradigma francês, ainda valendo na época da posse do Jango, estava perdendo força para os Estados Unidos, que consolidou ainda mais a sua influência no Brasil a partir do golpe militar. Tanto é que nesta época adotamos a divisão que os norte-americanos deram para o mundo, conforme o trecho a seguir confirma: “entramos de cara na pálida configuração dos integrantes do Terceiro Mundo. A mudança em nada nos favoreceu, despersonalizando-nos. Agora, somos latino-americanos. Com o ônus todo que a fórmula implica”²⁷. Esta “pálida configuração” de que a cronista fala nos remete à norte-americana, onde passamos a nos moldar através dos parâmetros dos Estados Unidos, que apoiaram e financiaram o golpe, ganhando tanto espaço aqui neste momento.

A próxima crônica viria a ser publicada apenas uma semana depois, na quarta-feira, dia 11 de dezembro, com o título de “Por onde andou meu coração”. Diferente da crônica anterior referente à categoria “política”, esta fugiu completamente da temática e falou sobre “literatura”. Lendo “Por onde andou meu coração” não foi encontrada crítica ao governo, a cronista apenas se dirige à escritora Maria Helena Cardoso para contar sobre seu

²⁷Trecho da crônica “Cultura – Ontem e Hoje”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 04 de dezembro de 1968.

prazer pela literatura e analisa a sua obra. O trecho destacado para a subcategoria de “análise” literária desta crônica encontra-se no Apêndice F.

Dois dias depois, Cosette volta a abordar a categoria “política” em sua coluna. Com o nome de “Chôchamente” temos a presença de duas subcategorias: “porta-voz do descontentamento/crítica” e “porta-voz do contexto internacional”. A cronista se mostra descontente – e ao mesmo tempo faz uso do sarcasmo – ao elencar as crises da época: “aqui, temos a crise da cassação, a crise do clero, a crise do terrorismo, a crise inflacionária: no mais, tudo vai bem no melhor dos mundos”²⁸. A crítica é feita de forma mais velada, dado o contexto da época. A estratégia que podemos induzir com isso é a da cronista optar por citar as crises sem descrevê-las, sem entrar em detalhes, apenas as enumera para que os leitores pudessem refletir sobre.

Para quem está lendo esta crônica 52 anos depois, para entender a referência à crise do clero, por exemplo, é necessário fazer uma busca ao contexto da época. Isso nos permite lembrar que no início de dezembro de 1968 o governo militar decretou a prisão de padres franceses em Belo Horizonte, e, novamente, para entender o motivo das prisões é necessário voltar um pouco mais na história.

Em outubro de 1962, cardeais, arcebispos, bispos e superiores das principais ordens religiosas se reuniram para a sessão inaugural do Concílio Ecumênico Vaticano II, que foi o 21º Concílio da Igreja Católica. O papa João XXIII convocou esse concílio a fim de iniciar um programa de longo alcance de atualização da Igreja Católica Romana. O Concílio Vaticano II terminou em dezembro de 1965 e seus ensinamentos abalaram o clero e os leigos católicos em várias partes do mundo. Em 1968, uma reunião de bispos latinos realizada na Colômbia aprovou um programa de socialismo e anticapitalismo. Surgiu um clima de desavença e desafio entre o clero. Grande número de padres abandonou o sacerdócio como protesto contra a política rígida da Igreja e numerosos bispos e padres latino-americanos entraram em conflito aberto com os seus governos, depois do Vaticano II.

No Brasil, o arcebispo D. Hélder Câmara, no Recife, organizou um movimento de protesto contra o regime militar do país. A partir desse contexto podemos ter uma ideia da amplitude que foi a crise do clero durante a ditadura.

As análises de dezembro de 1968 foram ficando mais difíceis por conta disso, as críticas passavam a ser cada vez mais veladas. “Chôchamente” foi publicada no exato dia da instituição do AI-5, dia 13 de dezembro. Daí para frente, a dificuldade de identificação do que

²⁸ Trecho da crônica “Chôchamente”, de Cosette de Alencar, no *Diário Mercantil* em 13 de dezembro de 1968.

Cosette falava com relação à ditadura foi aumentando mais. Mas, antes de passar à próxima crônica publicada, vamos falar sobre a segunda subcategoria encontrada em “Chôchamente”.

Como “porta-voz do contexto internacional”, a cronista começa a fazer relatos de situações que estavam acontecendo ao redor do mundo naquele período.

E que se passa? Lá fora, maus ventos sopram, grande é o reboiço, o Vietname se prepara para mais um Natal de fogo, a Rússia – também chamada URSS – amplia verbas para gastos de defesa, e eu não sei contra quem é que ela se arma, pode tratar-se de auto-defesa apenas, o Papa alude à insegura situação da Igreja de Cristo, terrivelmente ameaçada por correntes furiosas (...). (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Chôchamente”, de Cosette de Alencar, 13/12/68).

Um dos assuntos que ganhou espaço na coluna da cronista juiz-forana, em dezembro de 1968, foi a Guerra do Vietnã, conflito armado mais violento da segunda metade do século XX, que teve início em 1959 e terminou em 1975, podendo ser enquadrado na conjuntura histórica da Guerra Fria. Divergências ideológicas e políticas entre Vietnã do Norte e Vietnã do Sul foram se intensificando até chegar ao estopim do conflito. Um dos momentos mais marcantes da guerra ocorreu justamente em 1968, quando o exército norte-vietnamita invadiu o Vietnã do Sul, através da operação denominada Ofensiva Tet, ocupando por um breve espaço de tempo a embaixada dos Estados Unidos no centro de Saigão. O Vietnã do Sul e os Estados Unidos responderam com toda força. E é nesse período conflituoso de 68 que Cosette dedica espaço no “Canto de Página”, se portando como voz ativa do contexto internacional. Ela chega ainda a falar da ajuda da URSS, que chegou a abastecer com armamentos o Vietnã do Norte.

Avançando mais nas análises categoriais, passamos para a crônica “Dois Livros”, publicada no dia 19 de dezembro. Nota-se a distância com que uma crônica teve em relação a outra. Depois da publicação feita no dia 13, em que o AI-5 foi legitimado, demorou mais seis dias para que a coluna “Canto de Página” marcasse presença novamente no jornal. E quando apareceu novamente, não abordou temática política, mas sim literária. Cosette analisa os dois livros que recebeu e ainda faz uma divulgação de leitura, trechos estes que podem ser verificados no Apêndice F.

No dia seguinte, 20 de dezembro, Cosette se comporta como “porta-voz do descontentamento” na crônica “Votos”. Vale ressaltar que este descontentamento não apresentou o caráter de crítica, mas sim de desânimo. Ao desejar votos natalinos a cronista utiliza um tom melancólico. Quando ela fala nesta crônica que “quem quer viver tem de aceitar a opção que viver é muito perigoso”, nos faz pensar que este termo “perigoso” poderia

estar se referindo a como estava sendo difícil e perigoso viver sob toda a tensão e censura da ditadura. Como já dito anteriormente, não é algo que possamos confirmar, mas dado o contexto ditatorial da época é concebível relacionarmos a isso. Outro momento que salienta essa proposta de pensamento é quando ela fala que: “afinal, não posso dizer que o ano tenha sido alegre, o jeito é apegar-me a estas coisas e ir em frente: chorar resolveria? Não resolveria”²⁹.

Vemos que o descontentamento está presente, mas de uma forma mais sutil, somado a um intenso desânimo, que era totalmente justificado ao levarmos em conta o conturbado cenário político, onde escrever em um jornal sob a linha dura e vigilante dos censores se tornou totalmente complicado.

O sentimento de derrota da cronista permanece e se intensifica na sua próxima publicação. A crônica “Das durações”, do dia 24 de dezembro, véspera de Natal, reflete aquela névoa sombria que pairava no momento. O descontentamento com a situação que estava sendo vivenciada reforçou a descrença de que as coisas melhorariam, como podemos observar no trecho a seguir:

Por exemplo: vale a pena agir? No fim dá tudo em droga mesmo, quem não sabe? Talvez seja a contemplação mais útil que a ação? (...) Melhor não pensar, deixar o tempo ir-se, devagar que seja: não lhe resta outro remédio, ao tempo, senão acabar passando, que é para isto que se inventou o relógio. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Das durações”, de Cosette de Alencar, 24/12/68).

As próximas duas publicações consecutivas na coluna “Canto de Página”, “Mapa Geral”, em 25 de dezembro, e “SãoPaulão”, do dia 27, adotaram a subcategoria “descrição” da temática principal sobre “cidade”. Ambas reforçaram as mudanças e crescimento da cidade de Juiz de Fora naquela época.

A penúltima crônica de dezembro de 68 foi publicada no sábado, dia 28, sob o título “Já na Lua”. Ao mesmo tempo em que Cosette comenta sobre o avanço na ciência espacial, ela reflete sobre as conquistas para a humanidade. Agindo como “porta-voz do contexto internacional”, a cronista utiliza o recurso da ironia para chamar atenção para uma preocupação ainda maior: “Já com o pé na Lua, ainda não dispõe o homem de meios para debelar um simples resfriado, pode ainda morrer de um insignificante resfriado. Ora já se viu!”³⁰.

²⁹ Trecho da crônica “Votos”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 20 de dezembro de 1968.

³⁰ Trecho da crônica “Já na Lua”, de Cosette de Alencar, no Diário Mercantil em 28 de dezembro de 1968.

Novamente temos que recorrer ao contexto da época para entender o que a autora lança nas entrelinhas. Quando ela fala em “simples resfriado” ela está se referindo à gripe de Hong Kong, uma pandemia que ocorreu em 1968 e se espalhou pelo mundo. É possível afirmar isto porque a própria cronista chega a citar a gripe de Hong Kong em trechos antecedentes a este, o que nos foi permitido fazer tal correlação.

Ainda nesta crônica do dia 28, identificamos o contexto histórico da Guerra Fria quando Cosette fala que “a guerra espacial está apenas começando, será longa e áspera”. Este período marcou a disputa das duas superpotências, Estados Unidos e URSS, na corrida pelas conquistas tecnológicas da era espacial. As descobertas significantes de cada um desses dois países passaram a ser comentadas também na coluna “Canto de Página”.

A última crônica a ser analisada foi a que mais gerou dúvida quanto à sua significação por trás das palavras utilizadas. Publicada na edição referente aos dias 29 e 30 (domingo e segunda) de dezembro de 1968, “Dos Vips” traz uma crítica velada em seu conteúdo.

Todo dia chega navio, chega trem, chega avião com importantes. Outro dia chegaram aviões e um trem especial com uma porção deles, diz-se que era pra escolher o novo Presidente que vai mandar neste País. Hoje aqui está apinhado de importantes! (...) Não sei por quê, Manuel, alguns têm a cara tão estragada, e são gordos demais. Ao mesmo tempo eles parecem meio bobos...você já notou? (...) até pelo cheiro diferem da humanidade comum. E têm, peculiares, o sorriso, e aceno da cabeça, a própria cabeça, tudo sinais distintivos da espécie. (DIÁRIO MERCANTIL, trecho da crônica “Dos Vips”, de Cosette de Alencar, 29 e 30/12/68).

Cosette se dirige a Manuel para falar das pessoas importantes que existem e chegam à cidade e ao país. Notamos em alguns momentos o sarcasmo da cronista ao comentar sobre os “Vips”. Mas, quem seriam essas pessoas importantes que estavam chegando?

Lendo esta crônica hoje, 48 anos depois, podemos presumir que a cronista estivesse falando de um descontentamento com o governo militar, mais velado por conta do AI-5. Ela pode estar se referindo à chegada dos militares na cidade, gente de fora que se destaca da população antiga. Quando fala em “aceno da cabeça” podemos fazer referência à continência dos militares. Nesta conjuntura da época, tudo leva a crer que Cosette está fazendo uma crítica mais velada a um grupo, se não os militares, então a uma elite que estaria chegando na cidade neste contexto do AI-5. Mas não há nenhum indício concreto.

Como já dito anteriormente, foi ficando cada vez mais difícil analisar os textos, porque ela vai escrevendo de uma forma mais cifrada, por conta da censura. Ela não está falando abertamente em dezembro, com isso a dificuldade em analisar foi ficando maior. Não

está dado o contexto para o leitor dos dias atuais, para quem estava lendo a crônica na época talvez fizesse mais sentido.

Seguindo a conceituação de narrativa de Motta (2013), uma coisa é a intenção do autor, outra coisa é o que termina no leitor. A obra é meio aberta, ela termina na nossa interpretação. Tendo isso em vista, ao ler esta crônica 48 anos após sua publicação, podemos inferir, mas não podemos comprovar qual era a verdadeira intenção da cronista nem como suas crônicas foram interpretadas à época.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta o cenário político de dezembro de 68, temos o AI-5, instaurado a partir do dia 13 de dezembro, que deu plenos poderes ao general Costa e Silva para censurar e abriu brecha para a suspensão dos direitos, instituindo-se, de fato, o endurecimento da ditadura. Mas esta data serviu apenas para legitimar e endurecer ainda mais as ações ditatoriais que já vinham sendo realizadas no país. A presença dos censores nas redações de jornais e revistas passou a ser permanente.

Muitas pessoas foram presas, torturadas e exiladas neste período mais sombrio da ditadura, com isso, outras com medo ou receio, passaram a colaborar com o regime, adaptando-se aos grandes meios de comunicação de massa. Não podemos afirmar qual motivo resultou na mudança da cronista Cosette de Alencar: se foi motivada pelo medo, pressão ou simplesmente opção de mudar sua postura neste clima de intensa repressão e censura, mas neste contexto esta pesquisa consolidou a hipótese de que a coluna “Canto de Página” sofreu sim um silenciamento político.

Pudemos perceber alguns efeitos do AI-5 nas crônicas de Cosette. Observamos a mudança de posição no jornal, se deslocando da página 2, onde assumia um caráter político o tempo todo, e passa a ser simuladamente de cultura na página 5. Em seu lugar entrou a coluna “Flagrante Político”, no canto superior direito da página 2. Esta nova coluna não era assinada por uma pessoa específica e seu conteúdo era, em sua maioria, de caráter político local, trazendo notícias políticas de Juiz de Fora. E não verificamos apenas a mudança gráfica, mas, principalmente, a alteração do local de fala e angulação da cronista.

Ao comparar as análises dos três meses propostos nesta pesquisa (abril de 64, abril de 67 e dezembro de 68), concluímos que Cosette segue a linha editorial do “Diário Mercantil” em 1964, refletindo sua opinião e apoio em relação à política nacional de acordo com a de Assis Chateaubriand; muda o posicionamento de sua coluna em 1967, demonstrando seu descontentamento com os militares e, por fim, em 1968 sofre a interferência do AI-5 nas crônicas do “Canto de Página”.

Isso nos leva a mais uma consideração que esta pesquisa levantou sobre a cronista Cosette de Alencar. Sendo tratada em todo lugar como uma autora conservadora, pudemos identificar que muitas vezes ela não apresentou esse perfil que estava sendo sempre creditado a ela.

Durante a análise feita nesta pesquisa, ficou constatado que ao longo desse período estudado, a cronista mudou seus argumentos, tom das crônicas, temática e toda a sua

angulação. Isso nos traz a reflexão de que, naquele momento de repressão, talvez as crônicas não estivessem tão desvinculadas e com tanta liberdade quanto se pressupõe, muitas vezes, quando se estuda esse gênero.

Houve sim um silenciamento. Identificamos na coluna “Canto de Página”, inicialmente, um apoio extremo à deflagração do golpe, posteriormente a ruptura do apoio aos militares, e logo no ano seguinte o silenciamento, que levou a cronista a fazer comentários nada explícitos e críticas bem mais veladas.

O fato de que a colunista que vinha comentando a política nacional há tanto tempo e que no ano de instauração do AI-5 muda o tom e passa mais a falar de temas mais leves, como literatura, cidade e memória, nos trouxe a revelação de que esta mudança de angulação pode ser considerada como o silenciamento político, em que a temática da política brasileira, tantas vezes abordada na coluna de Cosette, de repente some.

Não se pode afirmar o que a cronista não pôde escrever, mas percebe-se que houve na mudança de angulação, na mudança de temática e na mudança de página que a coluna “Canto de Página” sofreu, um silenciamento das crônicas de crítica ao governo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Beatriz Pires de Moraes. *A utilização dos arquivos pessoais como fonte de pesquisa*; uma edição anotada da correspondência de Enrique de Resende para Cosette de Alencar. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinitivo*. Sulina: Porto Alegre, 1980.
- CALIXTO, Ana Paula Guilhermino Barreto. *Enrique de Resende e Cosette de Alencar*; dois escritores mineiros nas malhas da correspondência – 1965. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- CANDIDO, Antonio *et al.* *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- FICO, Carlos. *O golpe de 1964; momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda; Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo; FAPESP, 2004.
- LEAL, Paulo Roberto Figueira; MENDES, Gláucia da Silva; FERNANDES, Lívia. “*A Capital Revolucionária*”; o Diário Mercantil de Juiz de Fora e a representação jornalística do papel da cidade no golpe militar. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN: Intercom, 2008.
- MOL, Isabela Baião. *Cosette de Alencar; A cronista de seu tempo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MUSSE, Christina Ferraz. *A trajetória do Diário Mercantil; alter ego da cidade de Juiz de Fora*. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN: Intercom, 2008. In: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0491-1.pdf>. Acesso em abril 2016
- REIS, Marco Aurelio. *O subúrbio feito letra; o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e Carnavalizadas* Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- ROSA, Rita de Cássia Vianna *et al.* *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2005.

THOMÉ, Cláudia. *Literatura de ouvido; crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio*. Curitiba: Appris, 2015.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio; VALLADARES, Marcela. *De general a ativista das letras; o cronismo de Cosette de Alencar nos primeiros anos da ditadura*. XIII Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora, MG: Erecom: Comunicação, Memória e Autoritarismo, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE ABRIL DE 64

- 01 (quarta) - S. Exa., O Povo
- 02 (quinta) - Crises
- 03 (sexta) - Presença de Minas
- 04 (sábado) - Malhar o ferro
- 05 e 06 (dom e seg) - Inteligência
- 07 (terça) - Dois políticos
- 08 (quarta) - Os tempos e a arte
- 09 (quinta) - Tem que ser já
- 10 (sexta) - Riquezas
- 11 (sábado) - Cuscuz
- 12 e 13 (dom e seg) - Importante é viver
- 14 (terça) - Os rabiscos do Presidente
- 15 (quarta) - Futuro
- 16 (quinta) - Ciência
- 17 (sexta) - O outro lado
- 18 (sábado) - Um mineiro
- 19 e 20 (dom e seg) - Um ingrato
- 23 (quinta) - Novo governo
- 24 (sexta) - Ouro Preto
- 25 (sábado) - Explicação desnecessária
- 26 e 27 (dom e seg) - Revoada Europeia
- 28 (terça) - Verdades imutáveis
- 29 (quarta) - Várias
- 30 (quinta) - Agora

APÊNDICE B – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE ABRIL DE 67

- 01 (sábado) - Crença
- 02 e 03 (dom e seg) - Populorum Progressio
- 04 (terça) - Similitude
- 05 (quarta) - Demagógico
- 06 (quinta) - Adeus, Rio
- 07 (sexta) - Várias
- 08 (sábado) - Fim de lona
- 09 e 10 (dom e seg) - Aguardar
- 11 (terça) - Parêntesis
- 12 (quarta) - Por amor ao Brasil
- 13 (quinta) - Coisas
- 14 (sexta) - Esperança válida
- 15 (sábado) - Fé
- 16 e 17 (dom e seg) - Bilhete
- 18 (terça) - O suplemento do Murilo
- 19 (quarta) - Loucura abençoada
- 20 (quinta) - Quem pode mais
- 22 (sábado) - 21 de abril
- 23 e 24 (dom e seg) - Nossa capital
- 25 (terça) - Leite para as criancinhas
- 26 (quarta) - Pobre herói
- 27 (quinta) - Operação esperança
- 28 (sexta) - Castelo em Minas
- 29 (sábado) - Descobrimdo o Brasil

APÊNDICE C – LISTAGEM DAS CRÔNICAS DURANTE DEZEMBRO DE 68

04 (quarta): Cultura - Ontem e Hoje

11 (quarta): Por onde andou meu coração

13 (sexta): Chôchamente

19 (quinta): Dois livros

20 (sexta): Votos

24 (terça): Das durações

25 (quarta): Mapa Geral

27 (sexta): SãoPaulão

28 (sábado): Já na Lua

29 e 30 (dom e seg): Dos Vips

APÊNDICE D – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE ABRIL DE 64

01 (quarta) – S. Exa. O Povo

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “O povo saiu à rua, mostrou que queria respeito à decisão democrática e, tendo jurado servir à democracia, o vice passou a Presidente. (...) Em todo caso, penso que o povo está atento e não dorme de touca. (...) E Deus sabe que o povo, aqui quando quer algo, sabe como obtê-lo o que não é sua menor qualidade.”

– **Porta-voz do golpe:** “Força é reconhecer que o governo do doutor Goulart tem sido medíocre em todos os sentidos, mas nada prenunciava que o jovem presidente fosse enveredar por rumos suspeitos. E neste ponto estamos nós, mas o que tudo ensombrece é a dúvida que o comportamento do Presidente começa a inspirar, de modo inegável, ao povo que lutou para lhe dar o poder maior: é de fato, o doutor Goulart um declarado simpatizante do credo vermelho? Deseja ele, realmente, comunizar o País?”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Virou e mexeu, prometeu muito, mas a verdade que não soube deter a inflação, único e verdadeiro flagelo nacional. Apregou reformas mas não as realizou, afirmando que precisa, primeiro, alterar a Constituição. E neste ponto estamos nós, mas o que tudo ensombrece é a dúvida que o comportamento do Presidente começa a inspirar, de modo inegável ao povo que lutou para lhe dar o poder maior.”

02 (quinta) – Crises

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “É verdade que estas crises, assim frequentes, perderam por inteiro seu sabor, embora não tenham perdido sua malignidade. Acarretam prejuízos, entram o progresso nacional, mas tornaram-se rotineiras.”

03 (sexta) – Presença de Minas

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “Dê lá no que der a reação nascida em Minas contra o perigo representado pela visível cobertura feita pelo governo federal à tentativa de implantação no País de um regime espúrio e odiado pelos brasileiros...”

– **Porta-voz do regime:** “Dê no que der tudo isto, é certo que a História irá registrar mais esta página gloriosa para nossa província, de onde, ainda uma vez, sai o grito de alarme ante a liberdade ameaçada.”

04 (sábado) – Malhar o ferro

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Os campos estão à espera de quem os cultive, as cidades aguardam quem as torne menos cruéis no desconforto em que se movem (...) as populações clamam por mais escolas, mais hospitais, mais água, mais esgotos, mais comida, mais roupa, mais condução, mais diversão, mais recursos para o dia de amanhã.”

– **Porta-voz do golpe:** “É indubitável que um vento cívico varreu certo lixo há muito amontoado pelos desvãos da nacionalidade. (...) Havia um germe de desordem, anulou-se de seu foco.”

– **Porta-voz do regime:** “Aproveitem as autoridades a euforia cívica e malhem o ferro enquanto está quente – e que não lhes doam as mãos, que a obra é boa.”

05 e 06 (domingo/segunda) – Inteligência

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “E vale, neste momento, a certeza de que o povo do Brasil é, de fato, dotado de fina e arguta inteligência.”

– **Porta-voz do golpe:** “(...) glória cabe, em primeiro lugar, aos que tiveram a coragem necessária para iniciar a integração das forças, que lograram afastar os que protegiam a investida vermelha.”

– **Porta-voz do regime:** “Está ganha, agora, a batalha da democracia. (...) Os soldados cumpriram sua parte, e a cumpriram bem como todos vimos – e como verá o mundo inteiro que não poderá deixar de estabelecer distinção entre o Exército do Brasil, posto a serviço da ordem, da lei, da Constituição, de outros exércitos sul-americanos que não parecem ter tido a mesma formação dos herdeiros de Caxias.”

07 (terça) – Dois Políticos

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “O povo não tolerará mais a sistemática e nociva inoperância dos que lhe esmolaram o voto prometendo e não cumprindo coisa alguma do que prometeram. (...) Enganam-se os políticos quando pensam que o povo, tratando de seus cuidados particulares, desinteressou-se deles: creio que o povo apenas tem mantido certa reserva, embora já tenha tirado suas conclusões.”

– **Porta-voz do golpe:** “Estarão cegos, como cego estive o doutor Goulart, que Deus mantenha por onde anda, se é certo que anda por longe?”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Pensam os políticos que o povo ainda aguentará mais sua inoperância, seu egoísmo, sua eterna ambição, seu alheamento aos verdadeiros interesses da coletividade. Não sabem os políticos que é que pensa deles, de fato,

o povo? (...) ou arripiam caminho e passam a agir como deles se espera ou tratem de ir desocupando o lugar, pois a isto serão reduzidos em tempo que se avizinha.”

08 (quarta) – Os tempos e a arte

LITERATURA – Análise: “Para a arte e as letras produzirem são necessárias muitas coisas, mas indispensáveis são o sentimento de segurança, o sentimento de correspondência entre o autor e seu público e a certeza de que não se está pondo fora o esforço do criador. Tudo isto, como sabemos, andou faltando por aqui.”

– **Divulgação:** “Estou informada de que a escritora Cleonice Rainho terá, em breve, editado pela Pongetti um livro de contos que intitulou ‘O Chalé Verde’ o qual reunirá, em seleção da própria autora, seus melhores trabalhos no difícil gênero.”

09 (quinta) – Tem que ser já

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Com esta assombrosa natalidade nacional, bocas estão aparecendo todos os dias para pedir comida, para pedir roupa, para pedir teto, para pedir hospitais, escolas, diversão, tudo que torna a vida digna de ser vivida. E já não se contenta a população com o padrão miserável de vida a que estão obrigados os menos favorecidos pela sorte.”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Ou saem agora as reformas ou vamos ter outro rebolado (...) A situação nacional é má no sentido econômico, é péssima no setor da produção e mais do que periclitante no setor do desenvolvimento, onde densa mortalha acoberta o primeiro ímpeto depressa sufocado na área do desenvolvimento. Isto tem de mudar, e tem de mudar logo.”

10 (sexta) – Riquezas

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Já não falamos tanto de riqueza e progresso mirabolantes, mas contentamo-nos, modesta e sensatamente, com dons menores: direito à segurança, ao conforto digno, ao amanhã garantido e, sobretudo, direito às alegrias simples que constituem, ainda e constituirão sempre, o bem maior da humanidade.”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Do que o País precisa, neste momento, é da união de todas as suas forças, em todos os setores, para tentar escapar ao dilúvio que vem submergindo seu progresso e sua marcha. (...) Nossos homens públicos têm falhado lamentavelmente.”

11 (sábado) – Cuscuz

CIDADE – Memória: “Minha mãe sempre adicionou , à receita, a pedido de meu pai, queijo de Minas fresco, queijo cortado em bocadinhos que o cozimento em banho-maria desmancha levemente e dá sabor especial à quitanda. Eu e o Hippolyto nos empanturramos de cuscuz e (...) saboreamos uma grande saudade dos tempos passados.”

12 e 13 (dom e seg) – Importante é viver

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “Agora, todos nós que não acreditávamos verdadeiramente, num perigo vermelho, estamos verificando que a ideia espúria tinha terreno tomado, e não pequeno no País. Com assombro, com pasmo, com horror, verificamos que, desorientadas e dementes, forças vivas da Nação iam esposando o credo maldito.”

– **Porta-voz do regime:** “Por isto, foi mesmo uma revolução justa e oportuna a que desencadeou o governador Magalhães Pinto aliado aos soldados do Brasil e convocando, em hora premente, todos os brasileiros.”

14 (terça) – Os rabiscos do Presidente

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “Seria louco o Presidente? Ou sofreria de acessos de loucura? Escarnecia de seus ministros? (...) Ao tempo em que simulava consultar a agenda em branco, fingia igualmente tomar apontamentos: ia, caprichosa e cuidadosamente, bordando o nome de sua esposa, que enfeitava de riscos cujo sentido só ele mesmo ou algum hábil psiquiatra poderia esclarecer. (...) político que, na Presidência da República, ia levando o barco da Nação ao fundo.”

15 (quarta) – Futuro

POLÍTICA – Porta-voz do regime: “O que consola é que, alheia a esta conversa, a administração responsável pelo País está caminhando no sentido certo. Dizem que estamos em plena operação de limpeza. (...) Sou dos que crêem que vamos ter mudanças excelentes, e isto sem demora maior.”

16 (quinta) – Ciência

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “(...) o que ficou foi a casa em desordem e vazios os cofres. Enchê-lo novamente é o que são elas. Como encher os cofres vazios da Nação?”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Vamos perdendo a capacidade de nos surpreendemos e só não acreditamos mesmo é que o custo da vida possa baixar. Voltar aos

tempos do feijão a seis mil réis o quilo e a carne a dez mil réis – isto é incrível e parece que não ocorrerá de modo algum.”

– **Porta-voz do regime:** “Pois esta revolução, tão bem instaurada, só poderá ser considerada vitoriosa quando isto for alcançado.”

17 (sexta) – O outro lado

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “Para poluir o movimento, que culminou com a expulsão do poder dos que vinham se acumpliciando com simpatizantes do credo vermelho...”

– **Porta-voz do regime:** “Nem por isso há razão para se fazer o que tenta fazer uma imprensa tendenciosa, jamais satisfeita: desenganar-nos da vitória democrática. Houve esta vitória, outras vitórias a complementarão.”

18 (sábado) – Um mineiro

POLÍTICA – Porta-voz do regime: “(...) soldado de primeira hora, na campanha da democracia. (...) Da revolução ficaram saldos grandes. Não é o menor deles a revelação de um homem como Magalhães Pinto aos olhos admirados de todo o País.”

19 e 20 (dom e seg) – Um ingrato

POLÍTICA – Porta-voz do regime: “Este não é o momento para ridicularizarmos nossos soldados, que tão bem se houveram na defesa do que nos é tão caro. Justamente, este é o momento para reconhecemos o bonito papel representado pelos militares do País, em quem pudemos confiar, plenamente, mais uma vez. (...) Se ainda somos livres, a quem o agradeceremos? Povos mais adiantados têm caído na escravidão e na ditadura. E foi para livrar-nos disso que nossos soldados se moveram.”

23 (quinta) – Novo governo

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Trata-se, agora, de dar aos desprotegidos e desamparados tudo a que têm direito. É preciso pensar com seriedade, que eles, os desamparados e os desprotegidos, constituem maioria maciça no País. E aumentam todos os dias. Não será tão difícil assim pensar neles – será indispensável pensar neles, em primeiro lugar.”

24 (sexta) – Ouro Preto

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “(...) graças à feliz coincidência da data com o ainda fresco júbilo nacional pela libertação do País da ameaça comunista.”

CIDADE – Memória: “É incrível que ainda não se tenha pensado seriamente em se aproveitar turisticamente este imenso tesouro histórico dos mineiros. Lá estive, ainda menina – e nunca esqueci a impressão de enlevo que senti.”

– **Descrição:** “(...) até hoje revejo as ladeiras tortuosas, as lajes imensas das calçadas, o risco suntuoso das igrejas, chafarizes e oratórios, as fachadas claras das casas centenárias (...).”

25 (sábado) – Explicação desnecessária

POLÍTICA – Porta-voz do golpe: “Não sei porque estaria o Brasil na obrigação de explicar o recente movimento com que removeu um governo insubmisso à Constituição aos olhos do estrangeiro.”

– **POLÍTICA – Porta-voz do regime:** “Quem neste momento se ausente – é porque está de fato alheio à obra colossal que agora se inicia. (...) Mas quem ganhou a luta de 31 de março pode ganhar a outra, a luta que nos livrará do subdesenvolvimento – mais subversivo do que o próprio comunismo.”

26 e 27 (dom e seg) – Revoada Europeia

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Isto é hora de abandonar o campo? A SUNAB anuncia aumentos de preços de gêneros alimentícios, outros aumentos vão se processando sem anúncio algum – a hora é de ficar em casa, que a casa está em desordem grande.”

28 (terça) – Verdades imutáveis

POLÍTICA – Porta-voz do regime: “De imediato, mudando de assunto, agradou a atitude do presidente Castelo Branco declarando publicamente seus bens. Com prazer, vimos todos que o novo Chefe da Nação é homem pobre, apesar de seus 40 anos de atividade militar. (...) Ora, isto nos faz respirar desafogados. Com esta gente o diálogo é possível: há de compreender a luta do povo que não tem senão seus sete palmos de terra e só conhece bancos suíços por ouvir dizer.”

29 (quarta) – Várias

CIDADE – Memória: “Frio, maio à vista, quem disse que temos quatro Estações no ano? Entramos na segunda, e não temos mais de duas. Que entramos nela ficamos a saber desde que, em dado momento surpreendemos o céu a se tingir de rosa, nos crepúsculos saudosos e

amanhecemos com uma névoa fina a envolver-nos tudo, inclusive nós mesmos, que só assim nos damos conta da fuga do tempo.”

30 (quinta) – Agora

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Com um mês de idade, a Revolução deve dar por encerrada a fase da limpeza (entregando à Justiça o fruto do saneamento feito) e ir logo à segunda parte de seu programa: as reformas que o povo pede. Possíveis elas são, estas reformas. Tudo está em que se queira efetuá-las. O governo atual sabe que precisa delas tanto quanto delas precisa o povo.”

– **Porta-voz do regime:** “(...) a Revolução não acabou com os direitos de ninguém e justamente para assegurá-los a todo mundo é que foi feita.”

APÊNDICE E – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE ABRIL DE 67

01 (sábado) – Crença

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Como é que os governantes esperam do povo outra coisa que não seja a irritada apatia em que está mergulhado? Como é que o povo pode outra coisa sentir?”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Sai Marechal, entra Marechal, a inflação continua. (...) a guinada ainda não veio. Pode vir ainda, é certo, e isto mesmo é o que se espera. Enquanto se espera, tudo continua a subir de preço e não há dia em que a imprensa não veicule novas ascensões deste tipo.”

02 e 03 (dom e seg) - Populorum Progressio

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Sua recuperação não é programa difícil em demasia: é só lhe restituírem o direito de comer, de morar, de vestir, de fazer seu pé de meia para as inevitáveis horas negras.”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “Não pode existir vida normal numa democracia de que se alijou a classe média: é ela o verdadeiro pulmão nacional. Ou lhe dão oxigênio ou o País perece. (...) A estrutura social que ainda vigora cai aos pedaços e apenas resiste nos últimos estertores graças à insensibilidade de um punhado de poderosos aferrados a seus privilégios como carrapatos insaciáveis.”

04 (terça) – Similitude

LITERATURA – Análise: “Vá ser sem vergonha assim mais lá longe. Que fez a mocidade do País para merecer isto? Não se trata de pornografia, mas de coisa pior: só uma Nação desprovida de senso de ridículo levaria a sério tal bobageira.”

– **Divulgação:** “(...) preste atenção o leitor à crônica com que a Ruth Bueno estréia neste jornal, abrilhantando a segunda página.”

05 (quarta) – Demagógico

POLÍTICA – Porta-voz do povo: “Há muito idiota por aí que pensa ser exagerado dizer-se que o povo morre de fome, pois para tais cegos, morte de fome é fenômeno crucial com encenação específica: requer esqueletos estrebuchando nas sargetas, parte indispensável do drama.”

– **Porta-voz do descontentamento/crítica:** “No mais. tem aquela afirmativa presidencial de que estamos em regime democrático e nele sempre estivemos, apesar de algumas suspeitas em contrário. Dir-se-ia que afirmativa transcende, mas eu não acho. Que significa isto? Que diferença faz o nome do regime sob o qual vivemos. O que não se pode negar é que o povo, seja democrático ou não o regime do país, está no último furo de sua resistência.”

06 (quinta) - Adeus, Rio

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Quem diria que a tanto chegaria a Cidade Maravilhosa dos brasileiros? Retrato do País, da ausência de governo que, há tanto tempo, aflige os brasileiros mais conscientes. Não é o Rio que está sob calamidade, é o Brasil.”

CIDADE – Descrição: “E vem um amigo sofredor do Posto 6, que me diz: ‘aqui na nossa zona, estamos sem força e sem luz das 12 às 16 horas e das 20 às 22’. Alude ao calor, ‘que está de matar’, e passa por alto sobre a falta de água, cuja notícia fui hoje surpreender nos jornais, falta resultante de uma nova, e mais complicada, ruptura do Guandu.”

07 (sexta) – Várias

LITERATURA – Análise: “Na carta que só agora li, discorrendo sobre os livros de Gilberto de Alencar, diz do MISAEL E MARIA RITA: ‘...cheio da melancólica expressão do viver provinciano – a perspectiva dos singelos destinos, maravilhosamente descritos por um ficcionista inteligente e um dos últimos grandes prosadores deste País’.”

– **Divulgação:** “Em matéria de ficção, ficção ligada à vida, registre-se o retorno de Néelson de Faria ao conto. Sob o título encantador de ‘Aldeia’, prepara ele volume, cujo aparecimento até Mestre Frieiro aguarda com agrado.”

08 (sábado) - Fim de lona

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Como se sabe, criar um Instituto, para isto ou aquilo, tem sido, entre nós, o melhor meio de dar sumiço a isto ou aquilo. Haja visto o que sucedeu ao nosso café, ao livro nacional, e agora ao próprio açúcar: ganharam instituto, desapareceram da circulação. Existir, existem ainda, mas tornaram-se inacessíveis. Um Instituto do Subdesenvolvimento seria receita infalível para promover nosso desenvolvimento. Experiência que vale ser tentada.”

09 e 10 (dom e seg) – Aguardar

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Veja-se o Ministério Costa e Silva. Houve critério de justiça na sua organização? Ou houve apenas critério político? (...) Dentro das circunstâncias em que governou, Magalhães Pinto fez bom governo e mostrou-se à altura da tradição mineira de prudência, tolerância e equilíbrio (...). Mas por que não lhe foi dada, como seria natural, a Pasta da Fazenda? (...) Inexplicavelmente, dão-lhe o Ministério do Exterior, ninguém sabe exatamente porque.”

11 (terça) – Parêntesis

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “E é fora de dúvida que, nestes três anos, o País mudou tanto que dificilmente JK nele encontraria, ainda que pudesse se manifestar, campo para suas ideias de desenvolvimento. Sem falar no olho duro da linha vigilante que não tira um cochilo desde março de 64... A coisa, agora, é de lascar.”

LITERATURA – Análise: “Despojado de excessos do romance novo, o livro de Edmonde Charles-Roux, que mostra o caminho do equilíbrio de bom gosto às novas gerações de ficcionistas, dá lição de elegância e naturalidade, valendo ainda como depoimento sincero sobre toda uma época.”

12 (quarta) - Por amor ao Brasil

POLÍTICA – POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Ah, o mineiro! Seu egoísmo, seu egocentrismo, sua mania de cultivar excessivamente o próprio ego não consentem que suas qualidades apareçam.” – *Obs.: Diante da declaração de Orlando Travancas, diretor do Imposto de Renda, que disse que os mineiros são os piores pagadores de impostos do País, Cosette se mostra descontente com os mineiros de classe alta, responsáveis pelas sonegações.*

“Na extinta classe média, hoje miserável, mesmo em Minas, todo mundo paga suas taxas, e a tempo e a hora. (...) Pode não comer mas paga seus impostos.”

13 (quinta) – Coisas

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “O que se está vendo é que, o que veio atrás dele, até agora, não conseguiu fazer os preços caírem. Continuam subindo tranquilamente, e todos os dias. Como é este o ponto nevrálgico da crise nacional e o que mais de perto interessa ao povo, não vai demorar a aparecerem queixas e reclamações ácidas.”

14 (sexta) - Esperança válida

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “No momento, o que há em todo o setor do INPS é confusão em excesso, processos arcaicos ainda em uso nos guichês e escritórios (experimente tirar uma guia para segurado vitimado por um acidente e verá, leitor, o que se chama dureza na acepção da palavra) e, aqui e ali, focos mais ou menos infeccionados.”

15 (sábado) – Fé

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “E tomará posição ao lado dos numerosos documentos que, originados também de reuniões semelhantes, muito barulho fizeram ao aparecer e pouco, ou nenhum, resultado vieram a ter depois. (...) De carta em carta, quem sabe os homens ainda acabam por se entender? Tudo é possível.”

16 e 17 (dom e seg) – Bilhete

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “Aquele lago que fizeram no mesmo Parque Halfeld está seco, sem fonte luminosa nenhuma. Em compensação, os abrigos para os passageiros de ônibus, que devem ali ser construídos, também ainda não saíram, sendo provável que saiam quando se tornarem menos úteis, finda a estação chuvosa.”

18 (terça) - O suplemento do Murilo

LITERATURA – Análise: “De certa maneira, resguardadas as proporções, que outros são agora os tempos, o suplemento do ‘Minas Gerais’ faz lembrar o ‘Autores e Livros’ de ‘A Manhã’, o melhor e o mais completo suplemento literário jamais realizado neste País.”

– **Divulgação:** “Aconselho aos curiosos de um gênero difícil os contos de ‘O ex-mágico’ e ‘O dragão e outros contos’. O gênero é difícil (pede talento especial, veja-se o ‘Diário do Sol’ da nossa Regina Hargreaves) mas é de leitura deliciosa.”

19 (quarta) - Loucura abençoada

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/desânimo: “Relancear os olhos pela paisagem geral é encontrar motivo de tristeza certa, mas no terreno particular a compensação é mínima. O acertado será metermos os olhos nos nossos desvãos onde, no pior dos casos, sempre podemos temperar a melancolia com algum grão de sonho.”

20 (quinta) - Quem pode mais

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Johnson sentiu na própria pele o que é ser desenvolvido entre subdesenvolvidos, o que é ser rico entre miseráveis, o que é ser dono do mundo entre os que, do mundo, são apenas excrecências inomináveis... Preferiu dormir a entrar em ebulição e cólera. Justa cólera. Cólera quase santa.”

22 (sábado) - 21 de abril

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/desânimo: “O espírito de Tiradentes ausentou-se da Nação. Parece milagre que, um dia, um homem neste chão nascido, tivesse posto acima de tudo a grandeza desta terra. (...) Não entendo porque lhe comemoram a data, lembrando-lhe a morte. Igualmente mortas estão suas ideias, pior que mortas: ridicularizadas. (...) É ver os nomes que estão em pauta e convencermo-nos de que a palavra renovação não tem sentido na vida política do País. Estes nomes são os mesmos que, há trinta anos, e até mais, povoam, e assombram, não apenas as colunas políticas mas a alta administração nacional. (...) Vejo que morro antes de ver saneada a área da alta administração e, no fundo, isto já quase não me importa. O País que se arranje, não é isto mesmo que seus donos desejam?”

23 e 24 (dom e seg) - Nossa capital

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “No mais, se tudo não está igual, está bastante parecido. Ainda não houve tempo para substancial modificação? Pode ser. Mas um governo como este, dono e senhor de seu nariz tanto quanto dos narizes de oitenta milhões de concidadãos, se quiser mesmo, muda o disco em vinte e quatro horas. (...) Agora, o que quase sempre vemos sob governos de carregação, governantes improvisados, os melhores dos quais suam a camisa para corporificar suas boas intenções, não conseguindo em geral senão resultados muito medíocres.”

25 (terça) - Leite para as criancinhas

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/desânimo: “Olhem as criancinhas do Lactário São José, nesta cidade, à míngua de leite. Os responsáveis pela benéfica instituição foram obrigados a estender o pires à caridade pública e se não o recolhem vazio, também nem tão cheio o recolhem que se sintam libertos da angústia de serem obrigados a repetir o gesto. Numa cidade relativamente voltada para o futuro, progressista, o quadro é não só desolador, mas extremamente significativo: se aqui isto acontece, imagine-se por aí além.”

26 (quarta) - Pobre herói

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Alargar as fronteiras do mundo quando nos aproximamos da certeza de que ele, o mundo, está ficando insuficiente para a expansão da humanidade, não é nenhum programa desprezível.”

27 (quinta) - Operação esperança

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “O mapa das despesas do Estado montanhês, relativo ao ano passado, mostra que os mineiros gastaram quase 20% mais com a Secretaria da Segurança do que com a da Educação. Ora, já se viu? É, não apenas incompreensível, mas verdadeiramente assombroso ocorrer tal coisa na era do átomo. Mas os resultados deste comportamento estão aí mesmo, Minas ressentindo-se fundamente de um desequilíbrio econômico que raia pelo descalabro, a máquina arrecadadora impotente para cobrir a sonegação (...).”

CIDADE – Memória: “Em poucos dias de atividade, e trabalhando apenas em determinados setores da coletividade, a OPERAÇÃO chegou a prover de material escolar indispensável ao ensino rural de Juiz de Fora, entrosou a participação dos jovens engenheiros e dos acadêmicos de medicina, resultando daí a reconstrução de uma escola e o planejamento de assistência médica aos escolares da área rural.”

28 (sexta) - Castelo em Minas

CIDADE – Memória: “O ex-presidente Castelo Branco, de quem bastante tenho falado nesta coluna, esteve em Belo Horizonte esta semana, em vista de caráter puramente particular. Aproveitando o ensejo, visitou longamente a Livraria Itatiaia, onde foi recebido pelos irmãos Moreira, Edson e Vivaldi (...). E como Castelo Branco não é mais presidente, como está recolhido à vida privada, de que diz não pretender sair, posso aqui reconhecer que ele é, realmente, meu primo. É meu primo, tal como Raquel de Queiroz (...).”

29 (sábado) - Descobrindo o Brasil

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “À medida que se desce pelo mapa do País, o padrão de vida se eleva: mas é só ele que se eleva, porque o custo da vida, este, nem de longe pode ser comparado com o que aqui temos. Uma refeição má, e incompleta, custa aqui o dobro de uma refeição servida no Sul do País: e a diferença é que, lá a refeição vale realmente como suprimento de vitaminas, proteínas, calorias e o resto. (...) Enquanto o

mineiro descobre o resto do País, o resto do País continua ignorando Minas.” – *Obs.: ao comparar sua região com a do Sul do país, Cosette se mostra descontente com as diferentes realidades e custo de vida.*

CIDADE – Descrição: “Cidades limpas, organizadas, pitorescas, cidades que aproveitam inteligentemente seus recursos naturais, comida racional, comida farta, padrão de vida acessível, artesanato original, agricultura tratada com carinho, tudo isto o Sul exhibe ao viajante curioso.”

APÊNDICE F – CATEGORIAS E EXEMPLOS DE DEZEMBRO DE 68

04 (quarta) – Cultura – Ontem e Hoje

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “Se a influência civilizadora da “douce France” ainda por aqui se faz sentir, será de maneira espasmódica. Nosso espelho atual é Tio Sam. Os resultados disso estão aí mesmo. A área de alfabetização terá aqui se dilatado mas não se aprofundou. Os conhecimentos passaram a ser noções epidérmicas, colhidas pelo sistema do “reader’s digest”. E neste momento, o grande instrumento pedagógico é o aparelho de televisão, com o peso catastrófico de sua falsa ciência e o impacto vulgarizador de sua cultura de bolso. Um negócio. (...) Houve uma distorção no rumo da nossa civilização. Para melhor? Não o creio. Abandonamos as raízes latinas, o leite gaulês, e entramos de cara na pálida configuração dos integrantes do Terceiro Mundo. A mudança em nada nos favoreceu, despersonalizando-nos. Agora, somos latino-americanos. Com o ônus todo que a fórmula implica.”

11 dez (quarta): Por onde andou meu coração

LITERATURA – Análise: “Seu modo de narrar tem alguma coisa de épico, e se prende ao tônus da literatura eslava, lembrando as minúcias de um Tolstoi ou de um Dostoiewsky: haja vista o impressionismo com que você faz seres, casas, chácaras, ruas, cidadezinhas inteiras, com espantosa força descritiva. A gente ao lê-la sente o hálito das bocas, o escuro das alcovas, o jogo de luz por entre a ramaria dos quintais provincianos, o reboco nu das escadas, o brilho dos tijolos...”

13 dez (sexta): Chôchamente

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/crítica: “O ano termina chôchamente, por toda parte um hálito de inquietação queimando a humanidade. Aqui, temos a crise da cassação, a crise do clero, a crise do terrorismo, a crise inflacionária: no mais, tudo vai bem no melhor dos mundos.” – *Obs.: Cosette ironiza o descontentamento com a má situação política/crises.*

– **Porta-voz do contexto internacional:** “E que se passa? Lá fora, maus ventos sopram, grande é o reboliço, o Vietname se prepara para mais um Natal de fogo, a Rússia – também chamada URSS – amplia verbas para gastos de defesa, e eu não sei contra quem é que ela se arma, pode tratar-se de auto-defesa apenas, o Papa alude à insegura situação da Igreja de Cristo, terrivelmente ameaçada por correntes furiosas...”

19 dez (quinta): Dois livros

LITERATURA – Análise: “Desde que publicou seu primeiro volume de ensaios, o excelente A FRAUTA DE MÁRSIAS, Vivaldi Moreira evidenciou feliz e rara combinação de dons: vernáculo seguro, erudição sempre mais aprimorada, amor pelos velhos textos e pela leitura de informação qualificada, capacidade de pesquisa (...).”

– **Divulgação:** “DAQUI E DALÉM enfeixa – e é o Autor quem disso nos previne no prefácio – uma série de estudos (aulas, artigos, conferências, discursos) pondo em foco figuras, autores e temas, compulsória ou espontaneamente escolhidos. Nem sempre o ensaio é árido: pode ser leitura fácil, agradável, atraente.”

20 dez (sexta): Votos

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/desânimo: “E como, afinal, não posso dizer que o ano tenha sido alegre, o jeito é apegar-me a estas coisas e ir em frente: chorar resolveria? Não resolveria. (...) Natal, para nós, Viriato, agora tem de ser com os olhos, sobretudo com os olhos da saudade: as coisas, efetivamente, não morrem, apenas ficam arquivadas. Quem quer viver tem de aceitar a opção, que viver, disse-o para sempre o grande Rosa, é muito perigoso.”

24 dez (terça): Das durações

POLÍTICA – Porta-voz do descontentamento/desânimo: “Por exemplo: vale a pena agir? No fim dá tudo em droga mesmo, quem não sabe? Talvez seja a contemplação mais útil que a ação? (...) Melhor não pensar, deixar o tempo ir-se, devagar que seja: não lhe resta outro remédio, ao tempo, senão acabar passando, que é para isto que se inventou o relógio.”

25 dez (quarta): Mapa Geral

CIDADE – Descrição: “Rua da Imperatriz? Está no mesmo lugar, o nome é que se republicanizou, agora, e já de muito tempo, é Marechal Deodoro: caminha para ser a nossa “Main Street” (...). O Parque Halfeld? Virou praça, e no momento é presépio, aliás bonito, acho que as crianças locais devem estar adorando a bossa, sobretudo as mais velhas de cinqüenta anos.”

27 dez (sexta): SãoPaulão

CIDADE – Descrição: “A cidade cresce como o diabo, puxa! A gente sai para dar uma volta e cai em espanto: tem novidade pelos quatro cantos municipais, até parece que o “slogan” de

Sãopaulão transferiu-se para cá. Juiz de Fora não pode parar.”

28 dez (sábado): Já na Lua

POLÍTICA – Porta-voz do contexto internacional: “A guerra espacial está apenas começando, será longa e áspera. Em que resultará? Nem mesmo os cobras atuais poderão dizê-lo. E até que estes avanços da ciência espacial revertam em bem da humanidade, em rendimento prático para solução dos problemas sempre mais aflitivos da espécie humana, quanta água não terá de passar por baixo da ponte! (...) Já com o pé na Lua, ainda não dispõe o homem de meios para debelar um simples resfriado, pode ainda morrer de um insignificante resfriado. Ora já se viu!”

29 e 30 dez (dom e seg): Dos Vips

POLÍTICA – Porta-voz descontentamento/crítica: “Todo dia chega navio, chega trem, chega avião com importantes. Outro dia chegaram aviões e um trem especial com uma porção deles, diz-se que era pra escolher o novo Presidente que vai mandar neste País. Hoje aqui está apinhado de importantes! (...) Não sei por quê, Manuel, alguns têm a cara tão estragada, e são gordos demais. Ao mesmo tempo eles parecem meio bobos...você já notou? (...) até pelo cheiro diferem da humanidade comum. E têm, peculiares, o sorriso, e aceno da cabeça, a própria cabeça, tudo sinais distintivos da espécie.”

ANEXOS

ANEXO A – CRÔNICA “PAZ”

PAZ

Cosette de Alencar

"A granja, ah, está bontinha sim, agora é safra de laranja, as árvores amareleceram, parecem até douradas: o Bebeto, de má vontade, consente que se colham algumas frutas, mas dá o cavaco quando aparecem por lá penetras dispostos a um saque em regra. De modo geral, ele detesta que as pessoas interrompam sua solidão, renega qualquer companhia. Já me avisou: não topa visitantes a toda hora. E costuma ser rispido com quem apareça por lá. Muito selvagem. Mas prendeu-se àquilo lá, trabalha com gosto e por gosto, pouca ou nenhuma atenção me dá, faz o que lhe passa pela veneta e, estando sóbrio, ouve com um sorriso nos lábios os meus reparos. Estando tocado é meio malcriado, melhor não mexer com ele. Eu não mexo. Respeito-lhe a cachaça, que sei ser um necessário desvio para sua vida solitária. De resto, quando embriagado, tem chiste e diz coisas engraçadas. Sóbrio, é calado. Chego ao ponto de levar-lhe, às vezes, uma garrafa de pinga: recebe o presente com grande dignidade, agradece e não se toca mais no assunto. Agora, o Bebeto mexe com a horta: declarou-se positivamente contra qualquer criação na granja: basta-lhe, para dor de cabeça, a das galinhas, cuja esterilidade é ponto de litígio permanente entre nós. Diz que galinha tem de ser de raça, galinha comum é muito ordinária para a postura. Eu retruco, tenho uma certa experiência, discutimos, e acaba tudo num pedido dele por mais milho, mais ração... Nem sempre o atendo. Não vejo necessidade de me amolar com animais que trabalham de bandido contra mim. Então, passamos a outro assunto: a insociabilidade da tartaruga. Está igual ao caseiro, não gosta de visitas na granja. Foge ao ouvir barulho de vozes, esconde-se, fica dias e dias desaparecida: só o Bebe o, então, é capaz de atinar-lhe com o esconderijo. Os dois combinam admiravelmente e combinam com o local, agora em plena doçura do inverno. Em volta, os morros estão cobertos de capim roxo, cujo pendão se alça a grande altura e fica oscilando ao vento: a mata já começa a apresentar um tom dourado e parece compacta, parece pintura. Nas encostas, as trilhas ondulam e, sob as árvores maiores, vacas enormes ruminam preguiçosamente, parecendo olhar o céu, que asas numerosas povoam. Da varanda, a gente absorve o silêncio, a solidão, adormece sem querer: quando dá por si está mesmo sonhando. Ah, sonhar na granja, deitada na varanda, quase que sob o céu; e, de repente, a gente abre os olhos e vê a mataria, ouve o silêncio, sente o céu muito perto. Será que se pode alcançá-lo com as mãos? A gente estira o braço, lembra de tudo: e sente o perfume das laranjas apodrecendo no chão, o cheiro da terra, algo de indefinível. Paz? Sim, paz".

ANEXO B – ARTIGO ADMINISTRADOR DE CEMITÉRIOS

Administrador de cemitérios

Assis Chateaubriand

S. PAULO — (Casa Amarela) — O epitáfio do marechal Castelo Branco deve ser curto.

Aliás, o defunto, sendo grosso e feio, o tamanho é pequeno.

Ele chegou diante do Brasil atrapalhado, roído pela fauna do cadáver da inflação, e teve a sorte prodigiosa de topar a estrela da Pastor.

Todos nós fomos dormir tranquilos, após o pesadelo, ao ver José Maria Whitaker surgir como o Anjo-da-Guarda do povo brasileiro, exclamando para 80 milhões de almas aflitas:

— "Aqui estou".

Parecia Jesus Cristo o homem que é o maior brasileiro vivo.

O que fez o Anjo-da-Guarda desta nação, nas suas horas de calamidade?

Eu estava fora do Brasil, em 20.

José Maria regia, como presidente do Banco do Brasil, a orquestra financeira do governo, Epitácio Pessoa assegurava-lhe a plenitude da confiança.

Whitaker realizou esta façanha, até então inédita: deu um saldo, na exportação, de 52 milhões de libras.

Mostrei esta cifra, em Londres, a Nataniel Rothschild, o grande banqueiro, chefe da casa "Rothschild and Sons" ouvindo-me respirou satisfeito com o Brasil.

Chamado a segunda vez pela revolução de 30, salvou o café da derrocada total e preparava o saneamento das finanças, quando se viu derubado pelo tenentismo botocudo.

Escusa falar da terceira missão redentora do guia o-

racular.

Estão lembrados do que disse, em nossas colunas, há poucos meses, Theófilo de Andrade:

É singular o seu papel reabilitando o café da ação calamitosa de uma administração romântica ignorante do problema e suas chaves.

Aí está o brasileiro-Providência, rifado pelo marechal a tréco de um tecnocrata, como o sr. Roberto Campos, autor de toda esta inepta política de finanças e café, e responsável pela presença do cavalo de Tróia Time Life no Brasil.

O sr. Campos trocava, até ontem, com o marechal, os discursos que lhe escrevia contra os decretos-lei que tampouco os redigia o chefe da Nação, Tal o segrêdo do prestígio, junto ao presidente, que tinha o comissário de Henry Luce.

Em trocos miúdos, qual o legado administrativo marechalício?

Dois vácuos: interno e externo.

Lá fora matou a confiança no País por uma alarve estatização.

Todos os empréstimos que se recebem são operações políticas, fornecidas por agências do tesouro americano.

Não há nem tem havido investimentos privados, e estes traduzem o padrão da confiança exterior num Estado e seu governo.

É fato que se tentaram reformas estruturais. Todos ficaram no papel.

A explicação do vácuo, lá fora, foi a convicção da existência de igual fenómeno por dentro. A inflação não sendo contida, o governo vingou-se do fracasso no empresariado,

que foi transformado em boque expiatório. Daí a anarquia e a queda na produção.

O novo governo recebe o país das mãos do outro, que exauriu o mercado interno, e pôs em fuga o externo, por se vê diante de uma nação, cujo governo infligiu à sua gente os piores vexames, sem contudo defender a moeda, cada vez mais aviltada.

O saldo que apresenta é este.

Um bisonho soldado, o qual parte com a sua turma de covetores. E o alto sexagenário poderá ficar resumido num singelo título, mais ou menos assim:

"Administrador de cemitério".

S.A. DIÁRIO MERCANTIL

Convocação de Acionistas e disposição de Documentos

Acham-se à disposição dos srs. acionistas, na sede social, à Av. Rio Branco, 1906, nesta cidade de Juiz de Fora — Minas Gerais para seu livre exame, os documentos a que se refere o art. 99 do Decreto-lei n. 2.627, de 26 de setembro de 1940 e referentes ao exercício de 1966. Ficam também convidados os srs. acionistas para a Assembléa Geral Ordinária, que será realizada na sede social, às 17 horas do dia 20 de abril de 1967, para o fim de examinarem sobre o relatório da Diretoria, Balanço Geral e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano social encerrado em 31 de dezembro de 1966; será realizada igualmente eleição dos membros do Conselho Fiscal para o exercício de 1967, bem como serão tratados assuntos de interesse geral. Juiz de Fora, 15 de março de 1967. Pela Diretoria, (aa), Renato Dias Filho, Diretor-Gerente e Nelo Coelho Gervason, Diretor-Secretário.

(2386)

MAURY GORETTI

(MISSA DE 1 ANO DE FALECIMENTO)

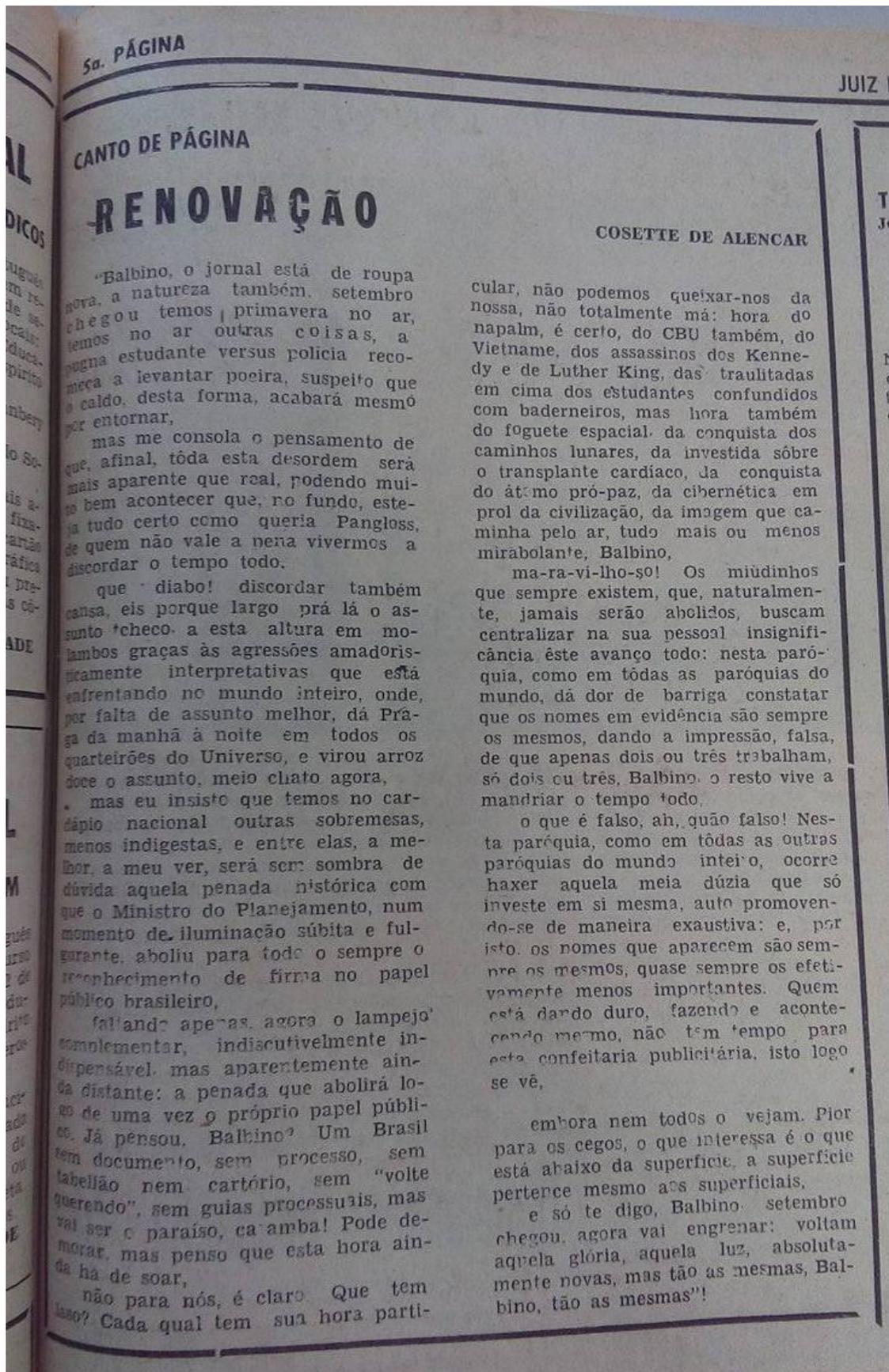
JOSÉ GORETTI, esposa e filhos, vêm convidar os amigos e parentes para assistirem às missas que mandarão celebrar no próximo dia 21 deste, às 7 horas na Igreja Nossa Senhora do Libano, e às 3 horas na Catedral de Juiz de Fora, pela passagem de um ano de falecimento de seu querido filho, e irmão, MAURY GORETTI.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem.

PRB-3 — Rádio Moderno — Aos domingos, às 14,05 horas. A JUVENTUDE COMANDA — José de Alencar apresenta música jovem.

Gentileza do Depósito Floriano Peixoto, Rua Floriano Peixoto, 128.

ANEXO C – MATÉRIA PUBLICADA NO DM EM 03 DE SETEMBRO DE 1968



ANEXO D – MATÉRIA PUBLICADA NO DM EM 14 DE ABRIL DE 1964

ondas do mar, a maré, ou qualquer outra força.

RAZÕES PARA O SACRIFÍCIO

Mas, essa situação pode ser muito minorada, se as classes patronais resolverem cortar um pouco dos seus lucros. Então, eu faço um apelo aos senhores, para que colaborem com o Comando desta Região, com o Govê-

é eficiente, ou é posto na rua, de acordo com as regras do Trabalho. Os senhores conhecem muito mais do que eu a questão.

Meus senhores, a minha saudação, a minha gratidão pelo auxílio que os senhores deram a este movimento e o meu abraço a todas as classes patronais de Juiz de Fora e aos seus operários.

Imprensa espanhola acha Castelo Branco capaz de recolocar o Brasil na senda democrática

MADRID, 13 (UPI) — A imprensa espanhola fez, hoje, a primeira consideração sobre a situação brasileira, depois dos acontecimentos de 31 de março, 1 e 2 de abril. Elogiou o general Castelo Branco, considerando-o elemento capaz de recolocar o País no caminho democrático. Considerou a grande missão do novo governo como a de aplacar as paixões, e realizar as reformas, que evitem o caos social e a ruptura econômica.

JOSÉ MORA NA COLOMBIA

BOGOTÁ, 13 (UPI) — Chegou hoje à Colômbia o secretário geral da Organização dos Estados Americanos. O sr. José Mora considerou necessária a instalação de uma conferên-

cia de alto nível destinada a examinar os problemas do Continente.

ELEIÇÕES PARA SÃO DOMINGOS

SAN DOMINGOS, 13 (UPI) — Autoridades governamentais da República Dominicana manifestaram-se de acordo quan-

to à realização de eleições gerais em todo o País.

ASTRONAUTAS PARA CAPSULA ESPACIAL

WASHINGTON, 13 (UPI) — Os astronautas Grisson e John Young foram designados para pilotar uma cápsula "Gemini", que será lançada ao Espaço, ainda este ano.

"JULGAMENTO" NA JUGOSLÁVIA

BELGRADO, 13 (UPI) — A Jugoslávia realizou, hoje, o maior julgamento anti-subversivo de sua história, com o comparecimento ao tribunal de 14 acusados de terrorismo e de proteção a revolucionários. O julgamento teve início em Ri-keka, sob a presidência do juiz Mirko Merduhale.

Limpeza em alta escala nos órgãos subordinados ao governo federal

RIO, 13 (Meridional) — O Alto Comando Militar iniciou, hoje, a tomada de providên-

cias para limpeza, em alta escala, nos órgãos subordinados ao governo federal. Estão incluídos, no plano, o Banco do Brasil, a RFF S/A, o BNDE, a SUDENE, Ministério da Educação, Rodobrás, Superintendência da Amazônia, Comissão do Vale do São Francisco (SRVSP), SUPRA, — extinta por decreto presidencial e, finalmente o SAPS, onde foram comprovadas várias irregularidades, comprometendo todos os membros do colegiado, inclusive representantes dos trabalhadores e de classes.

MAUREL FILHO NO EME

RIO, 13 (Meridional) — O general Humberto Castelo Branco passou, há uma hora, a chefia do Estado Maior do Exército ao general Maurel Filho. O presidente ceito leu boletim de agradecimento a todos os oficiais, que colaboraram com sua administração.

NOVA LISTA DE PROSCRITOS

RIO, 13 (Meridional) — O Ministério da Guerra informou que o Comando Supremo Militar continua examinando o problema da cassação de mandatos e de direitos políticos. Ainda hoje, deverá ser dada a publicidade nova lista.



↑ O GENERAL CIVIL — Magalhães Pinto, entre Milton Campos e Clóvis Salgado. Ao lado de Ademair de Barros, foi o nosso governador considerado o general civil do movimento, que teria também base federativa.

(Cont. na 5a. pag.)

... para...
... outro...
... prote...
... bra da em...
... tituido à...
... to da coll...
... Contudo...
... trial, grand...
... são super g...
... empréstimo...
... nos leva a...
... pecto da qu...
... excelente n...
... tude de não...
... face do cor...
... transação...
... obra, cont...

Se a n...
... gum bom n...
... mos culpa...
... consumação...
... turísticos d...
... concessão e...
... o que nos c...
... com o povo...
... e o veneráv...
... em relação...
... ser colocada...
... ceu com a J...
... Sômente...
... rios, pois co...
... temos. Assi...
... quando era...
... va mesmo, e...

Em sua...
... damento, o...
... venda de aç...
... riano Procóp...
... mente ampa...
... presidente d...
... do do Minist...
... posição de n...
... de junho de...
... PR 23 58...
... 1961. Subme...
... Continental...
... lícita outorg...
... levisão na c...
... rals, median...
... pretendem-n...
... de Juiz de F...
... de Juiz de...
... Ltda. e Tele...
... SOCIEDADE...
... Pergunta...
... foi outorgad...
... ações e da f...
... Nós sim...
... ve qual o ob...
... o canal e o...
... cerza: não f...
... pois do cont...
... "democrata"...
... rante tanto t...

Falou o j...
... prensa merce...

ANEXO E – CD COM AS CRÔNICAS ANALISADAS NA PESQUISA